

SUMÁRIO

Apresentação	2
Os documentos oficiais e a educação: menções sobre leitura e biblioteca escolar	
<i>Aline Casagrande Rosso Cardoso e Gladir da Silva Cabral.....</i>	4
O dito, o não dito, os silenciamentos e a construção do texto: possibilidades de leitura e interpretação textual de um discurso carnavalesco à luz da Análise do Discurso	
<i>Fábio Petrolí Ciolfi e Stephanie Adriane Leite Mina</i>	15
E agora, José, a pesquisa acabou? O espaço-fronteira visto com outros óculos!	
<i>Cleane Aparecida dos Santos.....</i>	30
Reflexão sobre a educação média e superior no Brasil e a importância da aplicação de metodologias e tecnologias para o aprendizado de Química	
<i>Érica Pereira, Dicesar Correia e Camila Molena de Assis.....</i>	42
A reelaboração da sexualidade na lesão medular adquirida	
<i>Livia Márcia Batista de Andrade, Tálita Davi Ignaccolo e Moisés Ravagnani Leme</i>	61

APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Argumento traz cinco trabalhos que versam sobre diferentes temáticas: a menção a leitura e biblioteca escolar em documentos oficiais que norteiam a educação, a investigação do dito e do silenciado em texto jornalístico opinativo no processo de construção de sentido do texto, a reflexão sobre uma pesquisa-ação em educação e ressignificações do trabalho docente, a importância da adoção de novas metodologias e tecnologias no ensino de Química e o processo de reelaboração da sexualidade por portadores de lesão medular adquirida. Se, por um lado, a diversidade de temas contempla áreas e interesses distintos abrigados pela publicação, por outro lado, todos os trabalhos reunidos neste número têm forte apelo em relação à linguagem, em sua multiplicidade e diversidade, na qual os sujeitos se constituem e constituem realidades – na expressão da subjetividade e de uma cosmovisão, no registro e compartilhamento de vivências, na elaboração, aplicação e generalização de conhecimentos e construção de suas significações, na constituição e apropriação de espaços oficiais ou não oficiais para as práticas de linguagem, inseridas no contexto mais abrangente da educação.

Abre este número o artigo *Os documentos oficiais e a educação: menções sobre leitura e biblioteca escolar*, de Aline Casagrande Rosso Cardoso e Gladir da Silva Cabral, que traz os resultados da investigação de documentos oficiais que orientam a educação nos níveis Estadual (Proposta Curricular de Santa Catarina) e Federal (PCNs, PNLL e Manual Básico da Biblioteca Escolar) a respeito da menção e do tratamento dado à leitura e à biblioteca escolar, sendo percebidas algumas lacunas no documento que orienta a educação em nível estadual.

Na sequência, a construção de significados para um texto jornalístico opinativo sobre o Carnaval é tema do artigo *O dito, o não dito, os silenciamentos e a construção do texto: possibilidades de leitura e interpretação textual de um discurso carnavalesco à luz da Análise do Discurso*, de Fábio Petrolí Ciolfi e Stephanie Adriane Leite Mina. Os autores apontam caminhos para a leitura e a análise textual, considerando o texto como uma malha que

entrelaça o dito e o não dito, sendo o conteúdo silenciado participante do processo de construção de sentido para o conteúdo expresso.

As ressignificações construídas para o trabalho docente a partir da revisitação dos registros de uma pesquisa-ação estratégica com estudantes do ensino fundamental I constituem o tema do artigo seguinte, *E agora, José, a pesquisa acabou? O espaço-fronteira visto com outros óculos!*, de Cleane Aparecida dos Santos, que apresenta os resultados da reflexão ensejada pela releitura dos diários de campo da pesquisa e dos registros dos estudantes relativos a uma subcategoria de análise, o espaço-fronteira.

No texto seguinte, *Reflexão sobre a educação média e superior no Brasil e a importância da aplicação de metodologias e tecnologias para o aprendizado de Química*, Érica Pereira, Dicesar Correia e Camila Molena de Assis discutem problemas relacionados ao ensino de Química no Brasil, analisando o perfil dos estudantes egressos do ensino médio e ingressos no ensino superior. Os autores defendem a adoção de novas concepções metodológicas e a incorporação de novas tecnologias no ensino da disciplina, que favoreçam a aprendizagem.

Encerra este número o artigo *A reelaboração da sexualidade na lesão medular adquirida*, de Livia Márcia Batista de Andrade, Tálita Davi Ignaccolo e Moisés Ravagnani Leme, que traz os resultados de uma pesquisa realizada com nove adultos portadores de lesão medular adquirida a respeito da vivência da sexualidade nessa nova condição. Recuperação da autoestima, positividade da autoimagem e conhecimento das possibilidades e limitações aparecem como fatores determinantes da reelaboração da maneira de vivenciar a sexualidade após a lesão.

Cada trabalho que compõe esta edição, naquilo que contempla e assume como eixo norteador, apresenta-se como argumento na constituição de saberes e convida o leitor à reflexão e ao diálogo, mais ricos e enriquecedores conforme esse leitor se disponha a investir o que tem na apropriação do novo. Essa será uma boa leitura, o que desejamos a todos.

Isabel Cristina Alvares de Souza
Coordenadora da Revista Argumento

OS DOCUMENTOS OFICIAIS E A EDUCAÇÃO: MENÇÕES SOBRE LEITURA E BIBLIOTECA ESCOLAR

Aline Casagrande Rosso Cardoso¹

Gladir da Silva Cabral²

Resumo

Este artigo se propõe averiguar de que maneira os temas *leitura* e *biblioteca escolar* estão dispostos em documentos oficiais brasileiros que orientam a educação nos níveis Estadual e Federal (se estão). Para tanto, analisam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Manual Básico da Biblioteca Escolar, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e a Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC). Esta é uma pesquisa advinda da dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pelo segundo, os quais focalizaram os estudos no entendimento de como se dá a leitura na escola e o (des)uso da biblioteca escolar no processo de aquisição da leitura. Além dos documentos oficiais, trabalha-se com autores como Silva (1981), Carneiro da Silva (1999), Macedo (2005) e Costa (2009), como forma de estabelecer diálogos e facilitar a compreensão do estudo. As conclusões apontam para a ideia de que há lacunas, com relação aos temas, nos documentos elaborados e destinados ao Estado, bem como falta de atualização, ao contrário dos documentos nacionais, que possuem maior número e, com frequência, possuem objetivos previamente estabelecidos sobre os temas em discussão.

Palavras-chave: Documentos oficiais. Leitura. Biblioteca escolar.

Abstract

This research paper aims to investigate how the topics *reading* and *school library* appear in some Brazilian official documents that guide education in the state and federal levels (whether they are). We have analyzed these documents: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Manual Básico da Biblioteca Escolar, Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) and Proposta Curricular de Santa Catarina. This research paper results from the first author's Masters Degree Thesis, guided by the second one. They focused the studies in the understanding on how reading happens at school and the (dis)use of the school library in the reading acquisition process. In addition to the official documents, we have worked with authors such as Silva (1981), Carneiro da Silva (1999), Macedo (2005) and Costa (2009), as a way to establish dialogue and facilitate the understanding of the study. The conclusions point to the idea that there are gaps concerning the topics, in the documents meant for the State, as well as lack of updating, unlike national documents, which are greater in numbers and, often, have previously established goals on topics under discussion.

Keywords: Official documents. Reading. School library.

Introdução

Os documentos oficiais que orientam a educação em nível nacional, estadual e municipal (este não detalhado neste trabalho) têm a função de esclarecer os membros

¹Mestra em Educação. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

²Doutor em Letras (Universidade Federal de Santa Catarina). Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

escolares e a sociedade quanto à importância de uma educação de qualidade em todos esses âmbitos e, para isso, trazem diretrizes que servem de referência para professores, direção e alunos terem um melhor envolvimento e desenvolvimento em sala de aula e em suas respectivas atribuições. Tais caminhos podem ser refletidos e seguidos, especialmente pelos professores, os quais ministram as disciplinas que são abordadas nos documentos.

No presente trabalho, serão detalhados aspectos concernentes à leitura e às bibliotecas escolares que constam (se constam) nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – nível nacional), em textos oficiais vinculados ao Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL – nível nacional), no Manual Básico da Biblioteca Escolar (nível nacional) e na Proposta Curricular de Santa Catarina (nível estadual).

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Os PCNs foram criados pensando na amplitude da qualidade da educação, envolvendo a comunidade escolar, pais e sociedade. Estão voltados à formação de cidadãos capacitados para atenderem às exigências do mundo científico e do trabalho, e se comprometem a esclarecer os papéis do aluno e do professor, bem como as habilidades que os alunos podem desenvolver por meio da mediação do educador. Segundo consta no documento, tem-se

intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional [...] e [...] pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998b, p. 7).

Nesse sentido, os PCNs procuram suscitar no professor a capacidade de entender a compreensão quanto à necessidade de tornar os alunos críticos, socialmente responsáveis e conscientes da importância do conhecimento para a sua formação pessoal e profissional. Essa relação é importante para o desenvolvimento cognitivo de ambos – aluno e professor – no processo de ensino e aprendizagem, pois o saber se dá nas mediações não só de conteúdos, mas também na solidariedade, na cooperação e no respeito (BRASIL, 1998b).

Os PCNs trazem, com relação às práticas de linguagem, alguns valores que estão vinculados à leitura. Eles são princípios norteadores para que os professores consigam perceber o que se quer de um aluno proficiente nas mais variadas formas de linguagem, como a leitura e a escrita. Segundo o documento, o aluno precisa de posturas de:

- Interesse, iniciativa e autonomia para ler textos diversos adequados à condição atual do aluno.
- Atitude receptiva diante de leituras desafiadoras e disponibilidade para a ampliação do repertório a partir de experiências com material diversificado e recomendações de terceiros.

- Interesse pela leitura e escrita como fontes de informação, aprendizagem, lazer e arte. (BRASIL, 1998b, p. 64).

A leitura é vista, nos PCNs, como “um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto” (BRASIL, 1998b, p. 69). Segue, então, a teoria explicitada nesse trabalho, sobre a leitura como processo de produção de significados em uma relação entre leitor e texto (SILVA, 1981; MARTINS, 1994; FOUCAMBERT, 2008; CHARTIER, 2009). O documento ainda traz que o ato de ler é, além de produção de sentidos – conforme também atestam Silva (1986), Soares (2004), Foucambert (2008), Chartier (2009) e Versiani, Yunes e Carvalho (2012) –, uma responsabilidade da escola, que deve explorar as habilidades em leitura e oferecer ambientes propícios para essa atividade (BRASIL, 1998b).

Adiante, os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam algumas condições para que a leitura se efetive no ambiente escolar:

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros.

É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos.

O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.

[...] A escola deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores, envolvendo toda a comunidade escolar. Mais do que a mobilização para aquisição e preservação do acervo, é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura. (BRASIL, 1998b, p. 71-72).

Nas quatro condições de leitura escolar selecionadas do texto original, chama-se atenção para dois fatores presentes no fragmento: o professor e o acervo, os quais são atores fundamentais à promoção da leitura na escola.

Com relação ao professor, cabe a esse profissional a organização das atividades relacionadas à leitura com os alunos, à seleção dos textos, à orientação adequada aos educandos e a postura como exímio leitor. Os PCNs ainda colocam que, “tendo boa relação com a leitura, gostando verdadeiramente de escrever, o professor pode se constituir em referência para o aluno” (BRASIL, 1998b, p. 66). Assim, a responsabilidade não só pertence ao professor de LP, mas também aos profissionais de todas as demais disciplinas do currículo escolar (COSTA, 2009), pois é importante esforçarem-se para promover um ambiente saudável de leitura, seja na sala de aula, seja na biblioteca escolar, agregando novos

conhecimentos ao aluno e transformando-o em um sujeito consciente na esfera social.

A biblioteca, por sua vez, é o espaço no qual se encontra o acervo escolar, e precisa dispor de condições adequadas de funcionamento, de forma a estar disponível em tempo integral aos alunos. O documento enfatiza a biblioteca apenas como meio de contato com diversos tipos de textos escritos, como uma forma de escolha independente de leitura, ou fonte de leitura de escolha pessoal (BRASIL, 1998b), restringindo os processos de compreensão textual mais ao ambiente da sala de aula.

Nesta perspectiva, Maroto (2012, p. 75) afirma que a biblioteca configura-se como

centro dinamizador da leitura e difusor do conhecimento produzido pela coletividade, constituindo-se, dessa forma, na primeira oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural, para a maioria das crianças brasileiras ao ingressarem na escola pública de ensino fundamental.

Em outras palavras, a biblioteca possui uma relevância maior do que está descrito no documento oficial. Conforme Carneiro da Silva (1999), a biblioteca vai além das práticas pedagógicas da sala de aula. Ele ainda salienta que a biblioteca torna-se importante para que os estudantes possam

tomar conhecimento de ideias diferentes ou mesmo divergentes daquelas transmitidas pelo professor, o que lhes poderá provocar inquietações e questionamentos, elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma educação escolar emancipatória, ainda que insuficientes para livrar totalmente os alunos das influências do discurso dominante na escola. (p. 71).

Pode-se dizer, portanto, que os PCNs, no que tange às discussões sobre a biblioteca escolar, não apresentam informações suficientes ou mais elaboradas sobre o espaço, realizando uma discussão que precisa ser aprimorada de acordo com o papel que a biblioteca realmente cumpre dentro do espaço escolar.

O documento enfatiza também o cuidado com os livros e a elaboração de projetos de leitura, que podem estar relacionados à biblioteca, elaborados pelo profissional responsável pelo espaço, ou podem ser fomentados pela escola, de um modo geral. Os projetos podem também ser fruto da interação dos professores, que, unidos, incentivam a leitura em suas várias disciplinas. Quanto a isso, o documento mostra que é importante o trabalho coletivo entre os educadores (BRASIL, 1998b; FERREIRA, 2009) e que a formação continuada deles oferece subsídios para a frequente atualização das concepções de leitura a serem adotadas nos projetos desenvolvidos na escola.

Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) foi publicado pelo Governo Federal em 2006 e reeditado em 2010; constam como alguns objetivos do documento o fomento da leitura no país, a propagação do livro como recurso para aprimorar a organização social e a implementação/fortificação das bibliotecas nacionais. O documento menciona os quatro eixos do plano, os quais são: “1- Democratização do acesso; 2- Fomento à leitura e à formação de mediadores; 3- Valorização do livro e comunicação e 4- Desenvolvimento da economia do livro” (BRASIL, 2010, p. 12). Tais eixos visam a promover a leitura de maior qualidade e intensidade por parte dos brasileiros, oferecendo oportunidades de acesso aos livros. A inclusão social também é uma meta do Plano, no qual consta que as diretrizes

têm por base a necessidade de se formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável. (BRASIL, 2010, p. 12).

Ou seja, pensa-se em melhorar as condições sociais de leitura, de forma a, com essa atitude, reverter as situações muitas vezes desfavoráveis de vida, por meio da cultura e do acesso aos bens literários.

Como justificativa ao PNLL, o Governo Federal menciona, entre outras informações, as taxas de analfabetismo (inclusive o funcional) e os dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes). Apesar dos últimos avanços em ambos os índices, o país se encontra ainda em posição desfavorável e carente de meios eficientes e satisfatórios que auxiliem na reversão deste quadro (BRASIL, 2010). A leitura, portanto, se faz pertinente como propulsora da mudança da situação que se observa atualmente. No documento consta que,

de acordo com os especialistas, uma das principais causas do elevado índice de alfabetismo funcional e das dificuldades generalizadas para a compreensão vertical da informação escrita se localiza na crônica falta de contato com a leitura, sobretudo entre as populações mais pobres. (BRASIL, 2010, p. 16).

Tal colocação confirma o que Silva (1981) traz sobre as condições de leitura no Brasil. O autor menciona que as dificuldades financeiras de boa parte da população inibem o acesso ao livro e aos conteúdos que poderiam elevá-la cultural e cognitivamente, de modo a perceber na leitura um ato emancipador e construtor de novas possibilidades de vida. Neste sentido, entende-se que

a leitura e a escrita constituem elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania; são direitos de todos, constituindo condição necessária para que possam exercer seus direitos fundamentais, viver uma vida digna e contribuir na construção de uma sociedade mais justa. (BRASIL, 2010, p. 20).

Existe, portanto, consciência da relevância da leitura na construção de uma sociedade melhor para todos. No documento, existe também o comprometimento governamental em melhorar os índices em leitura que se apresentam por meio do acesso ao livro e também pela formação de mediadores de leitura.

Manual Básico da Biblioteca Escolar (MEC)

O Manual Básico da Biblioteca Escolar é um documento nacional elaborado pelo Ministério da Educação com o intuito de aprimorar os espaços destinados à leitura em âmbito escolar, oferecendo direcionamentos a fim de que as práticas de leitura ocorram em um espaço adequado. Busca promover oportunidades para que alunos, professores e bibliotecários conheçam melhor o espaço e façam dele um ambiente transformador na escola. Sugere, inclusive, ideias de como se pode improvisar um lugar para os livros e demais materiais que compõem uma biblioteca, caso a escola não tenha suporte para tanto.

É uma proposta oriunda do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ação do MEC que visa à implementação de soluções concretas para a crise de leitura e a carência de bibliotecas efetivas e atuantes nas redes escolares. No documento, consta que:

a biblioteca tem que ser um espaço gostoso e agradável. Não se deve esquecer que os livros são sempre um convite para se conhecer novos horizontes, lugares, pessoas, histórias, ideias e conhecimentos. Esta *viagem* através dos livros deve acontecer, portanto, em um lugar em que o leitor possa ficar com tranquilidade. O ideal, então, é que a biblioteca possua um ambiente só dela. (BRASIL, 1998a, p. 7; grifo do autor).

Por isso, quando o assunto é leitura e seu desenvolvimento, é importante tomar cuidados como os sugeridos pelo manual, pois a leitura é um processo de compreensão que precisa da concentração do indivíduo e, por isso, de silêncio. Um espaço adequado para que possa ocorrer essa interação leitor-livro é um ambiente calmo, longe de ruídos que possam comprometer a leitura e a pesquisa.

Nesse sentido, o Manual descreve mais alguns direcionamentos para o bom funcionamento de uma biblioteca escolar:

- 1) A sala que abriga os livros **não pode ser úmida**, pois a umidade danifica os livros. Procure instalar a biblioteca no local mais seco que houver na sua escola.
- 2) Na sala de leitura ou canto para leitura, a **iluminação deve ser farta**: paredes e tetos claros facilitam a difusão da luminosidade; iluminação direta é mais econômica, mas deve ser prevista também iluminação artificial para que a sala possa ser utilizada em qualquer período do dia ou da noite.
- 3) As salas de leitura e a que abriga os livros devem ser **bem ventiladas**, para criar um ambiente agradável aos usuários e favorecer a conservação dos livros.
- 4) É recomendável que a biblioteca tenha **cadeiras e mesas**, para que os alunos possam estudar e ler, sozinhos ou em grupo. (BRASIL, 1998a, p. 8; grifos do autor).

Nota-se que, entre esses apontamentos, há o propósito de salientar a parte estrutural da biblioteca (iluminação, cor das paredes, ventilação). Tão importante como a estrutura, é a função que ela exerce dentro de uma escola e, da mesma forma, a pessoa que administra o espaço. No que concerne às funções, Amato e Garcia (1989, p. 12-13) elencam algumas:

- ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural;
- colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa;
- oferecer aos professores o material necessário à implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares;
- colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação do ensino-aprendizado, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia;
- proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimentos, em todas as áreas do saber;
- conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações;
- estimular nos alunos o hábito de frequência a outras bibliotecas em busca de informação e/ou lazer;
- integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbios culturais, recreativos e de informações.

No que cabe ao bibliotecário, o documento menciona que ele “é o elemento-chave entre o leitor e o livro. Não é apenas aquele que entrega e recebe os livros; é aquele que indica, orienta, ensina, abre portas, apresenta novos títulos e as várias formas de aprender” (BRASIL, 1998a, p. 27). Neste sentido, concorda Macedo (2005, p. 332), quando menciona que o bibliotecário “deve ser bem treinado e motivado e também estar comprometido com a comunidade escolar como um todo, para interagir com o corpo de professores e acompanhar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”. Em suma, no documento se defende, com amparo de teóricos como Macedo (2005), que o bibliotecário não deve apenas visar ao caráter técnico da profissão, mas se envolver no pedagógico, incentivando os hábitos de leitura, promovendo a aprendizagem por meio dela e sendo ator, assim como o professor, na

construção de uma escola dinâmica para todos.

Finalmente, o documento traz que o melhor lugar para se guardar um livro é na mão de um aluno, e que a biblioteca é favorecedora dessa procura e aquisição de conhecimento (BRASIL, 1998a). Dessa forma, há um conjunto de fatores envolvidos para a efetivação da leitura por meio da biblioteca, que não foram abordados pelo documento, e exemplos desses fatores são a determinação e o trabalho em conjunto.

Proposta Curricular de Santa Catarina

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina sugere aprofundamentos em se tratando das discussões de caráter educacional, com vistas a aprimorar as práticas pedagógicas e a relação estabelecida entre professor e aluno (SANTA CATARINA, 1998). Assim como os PCNs, a Proposta Curricular do Estado expressa o anseio por melhores resultados provenientes das atividades escolares e, por isso, traça caminhos pelos quais os professores podem seguir para construir as suas aulas. É preciso, segundo a PCSC (1998), compreender as teorias que embasam o documento, de modo que a aprendizagem do professor possa se refletir no aluno.

Assim como nos PCNs, a leitura é mais bem detalhada no que concerne às práticas de Língua Portuguesa. Nessa seção, a Proposta Curricular menciona que a leitura é resultante de uma atuação complexa de fatores (relação texto-intenção do autor, relação texto-outros textos, relação texto-mundo, relação texto-leitor), provocando o processo de compreensão do que se lê (SANTA CATARINA, 1998).

A proposta assume a pressuposição de que a leitura é um processo de interação com o autor (também conforme SOARES, 2004; GERALDI, 2006), diferentemente do posicionamento tomado nos PCNs e neste trabalho. Parte-se da concepção de que:

o texto aparece, então, como o centro do processo de interação locutor/interlocutor, autor/leitor. Podemos dizer que o sentido não está simplesmente no próprio texto, nem no locutor (autor) nem no interlocutor (leitor). Está no espaço criado entre esses três domínios. (SANTA CATARINA, 1998, p. 80).

Nesse sentido, na PCSC ainda consta que “a leitura não resulta apenas da aplicação de técnicas (decodificação), mas de um confronto interlocutivo, em que três elementos interagem: o texto, o locutor e o interlocutor” (SANTA CATARINA, 1998, p. 81). Acrescenta-se aqui, portanto, que nesse processo de interação com base cognitivista, a leitura não deixa de lado o seu propósito de fazer sentido ao aluno, de modo que, com auxílio do

professor, o educando consiga se apropriar de habilidades que o farão compreender o que o autor quis dizer por meio do código escrito.

O documento estadual cita Jean Foucambert para explicar a conceituação de leitura, utilizando-se da teoria de que esta vai além da decifração do código linguístico, bem como ajuda a compreender o que se passa na cabeça de outra pessoa. Dessa forma, enfatiza novamente a relação com o autor, mas também integra o papel do professor.

Segundo a PCSC, o professor é “responsável direto pela formação do aluno em matéria de leitura” (SANTA CATARINA, 1998, p. 84), e isso demonstra a responsabilidade depositada nesse profissional que, assim como mencionado nos PCNs, precisa de formação adequada para propor práticas de leitura adequadas à sala de aula.

Em se tratando da biblioteca escolar, a Proposta Curricular atém-se a poucas menções. Pode-se citar aqui, como exemplo, o uso da biblioteca escolar como uma prática linguística a ser desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa. Da mesma forma, em citações de Jean Foucambert, trata do leitor ativo, que busca o conhecimento na biblioteca; na esfera pedagógica, declara a procura de diferentes escritos na escola, mas não estabelece relação com um espaço físico com livros, mesas, pesquisa, ambiente preparado e projetos de leitura, conforme prevê este trabalho. Ou seja, além da restrição com relação às atribuições do espaço, pressupõe-se que, de acordo com a PCSC, a biblioteca fornece subsídios somente às aulas de LP, e não às demais disciplinas curriculares, como um todo (conforme COSTA, 2009), já que não há menções do termo *biblioteca* no texto que compõe o documento nas outras disciplinas. Existe aí, portanto, uma lacuna no que diz respeito às práticas pedagógicas relacionadas à biblioteca escolar, citadas anteriormente.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou compreender de que forma os temas *leitura* e *biblioteca escolar* são abordados em alguns dos documentos que regem a Educação, em dois diferentes níveis. Notou-se que, em âmbito nacional, há mais documentos disponíveis, uma maior organização em termos de elaboração desses documentos. Isso não acontece na proposta estadual, que, por sua vez, está desatualizada³ em termos teóricos, uma vez que pouco ou nada informa sobre os temas em destaque.

Para que a Educação evolua em todos os sentidos, é necessário que se planeje, de maneira coletiva e consciente, com objetivos e embasamento, as ações necessárias, e que estes

³A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina está em vias de atualização, mas sem data de publicação.

planejamentos não se percam com o tempo, mas que sejam frequentemente editados e repensados, de maneira que se imagine uma educação inacabada, ou seja, que pode sempre ser aprimorada. A leitura está aí imbricada, uma vez que é peça-chave para o conhecimento. Por isso a importância de ela constar em todos os documentos oficiais, sem exceção.

Referências

AMATO, M.; GARCIA, N. A. R. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 9-23.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Manual Básico da Biblioteca da Escola*. São Paulo: Editora Parma, 1998a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

_____. Ministério da Cultura. *Plano Nacional do Livro e Leitura*. Disponível em: <<http://odai.org/wp-content/uploads/2013/06/enlace138.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

CARNEIRO DA SILVA, W. *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 1999.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

COSTA, M. M. *Sempre viva, a leitura*. Curitiba: Aymar, 2009.

FERREIRA, E. A. G. R. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 69-96.

FOUCAMBERT, J. *Modos de ser leitor*. Tradução de Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GERALDI, J. W. A prática de leitura na escola. In: _____ (Org.). *O texto em sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006. p. 88-103.

MACEDO, N. D. (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MAROTO, L. H. *Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares*. Florianópolis: COGEN, 1998.

SILVA, E. T. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papirus, 1986.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2004. p. 18-29.

VERSIANI, D. B.; YUNES, E.; CARVALHO, G. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

**O DITO, O NÃO DITO, OS SILENCIAMENTOS E A CONSTRUÇÃO DO TEXTO:
POSSIBILIDADES DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL DE UM
DISCURSO CARNAVALESCO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Fábio Petrolí Ciolfi¹

Stephanie Adriane Leite Mina²

Resumo

Por meio da análise de um texto veiculado na mídia em que há o posicionamento de uma jornalista sobre o Carnaval, o presente artigo discute, à luz dos estudos da Análise do Discurso, como se opera a construção do texto, isto é, no que se refere ao que efetivamente é dito pelo texto e o que não é dito (o que o texto silencia). Ainda, pretende-se analisar os motivos que levaram a autora do texto a dizer o que disse da forma como foi dita. Para tanto, com base nos estudos de Ingo Voese (2004), pretende-se mostrar caminhos possíveis na leitura e análise textual. Longe de esgotarem as discussões, os caminhos de análise propostos pela Análise do Discurso podem contribuir nas aulas de Língua Portuguesa, fomentando e propiciando discussões e interpretações muito ricas para serem utilizadas por professores em sua metodologia de ensino de leitura e escrita. Ademais, considerando que nenhum texto ou discurso se constitui de forma isolada, mas que sempre é atravessado pelo discurso do outro (AUTHIER-REVUZ, 1990; BAKHTIN, 2000), pode-se observar a importância da Análise do Discurso enquanto desencadeadora do pensamento reflexivo, atuante na formação histórica e ideológica do sujeito leitor.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Carnaval. Interpretação de texto. Silenciamentos. O dito e o não dito.

Abstract

Through the analysis of a text posted on the media in which there is the positioning of a journalist about Carnival, this article discusses, in the light of Discourse Analysis studies, how the construction of the text is produced, i.e., as far as it refers to what is actually said by the text and what is unsaid (what is silent in the text). Furthermore, it intends to analyze the reasons that have led the author of the text to say what she said the way it was said. Therefore, based on the studies of Ingo Voese (2004), the article aims to show possible paths in reading and textual analysis. Far from wrapping up the discussions, the paths of analysis proposed by the Discourse Analysis may help in Portuguese classes, fostering very enriching discussions and interpretations to be used by teachers on their reading and writing teaching methodology. Moreover, considering that no text or speech is constituted in isolation, but that it is always crossed by the speech of the other (AUTHIER-REVUZ, 1990; BAKHTIN, 2000), the importance of Discourse Analysis can be observed as the trigger of reflective thinking, active in historical and ideological formation of the subject-reader.

Keywords: Discourse Analysis. Carnival. Reading Comprehension. Silencing. The said and the unsaid.

¹ Aluno do sexto período do curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês do Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Estuda o Carnaval e suas múltiplas manifestações com foco na materialização de fenômenos linguísticos que perpassam os produtos e/ou discursos associados à festa, dentre os quais as sinopses carnavalescas, os sambas-enredo e as alegorias.

² Aluna do sexto período do curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês do Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Além de se dedicar à atuação como atriz, também se interessa pelo estudo do teatro e suas múltiplas relações com a produção literária.

1 Introdução

Ingo Voese, autor do livro *Análise do discurso e o ensino de Língua Portuguesa* (2004), exemplifica, no capítulo intitulado “Análise do discurso: uma proposta”, uma metodologia de estudo de análise e interpretação discursiva que pode ser feita e utilizada pelos professores como instrumento de leitura para o ensino nas aulas de Língua Portuguesa. Considerando que a Análise do Discurso não opera com uma única metodologia, o autor frisa que a proposta que será apresentada é um modelo que pode ser utilizado para o trabalho de interpretação textual, em que “a proposta revelará diferenças em relação a outras abordagens e outras concepções de Análise do Discurso” (VOESE, 2004, p. 105). Mesmo reconhecendo que sua metodologia de trabalho apresenta diferenças em relação a outras abordagens e concepções da Análise do Discurso, o autor destaca o lugar de referência teórica organizado em sua proposta, pois esta, de acordo com o autor, oferece certa segurança para demarcar um lugar de atuação e avaliar uma atividade de Língua Portuguesa. Assim, para legitimar seu posicionamento e conseqüentemente a análise a que se propõe, Voese traz como referencial teórico autores como Bakhtin, Lukács, Heller, Mészáros e Goldmann. Junto a eles, e calcado em conceitos e referências associadas com a enunciação, com o dialogismo, com a polifonia, com a ideologia e a história, o autor conclui que a proposta que traz

[...] diz respeito, em primeiro lugar, à descrição do dito e dos silenciamentos, e das escolhas do modo de dizer, ou seja, ela busca observar que: (a) diz-se isso e se silencia aquilo; (b) diz-se assim e não de outro modo. (2004, p.114).

Ainda, Voese defende que “em segundo lugar, a análise localizará, para compreender por que o dito foi dito de tal modo, o lugar social e as determinações históricas que constituem o contexto mediato” (2004, p. 114).³

Por fim, para demonstrar a aplicação teórica e sua metodologia de trabalho, o autor propõe uma análise e reflexão baseada em um texto encontrado em um livro didático da sexta série do ensino fundamental, em que, utilizando o arcabouço teórico levantado, propõe discussões acerca do enunciante do tema, o não dito⁴, o modo da enunciação, uma

³ Voese menciona que ao analista do discurso cabe operar e levar em consideração dois contextos: o contexto imediato e o contexto mediato. “O contexto imediato se refere à relação do enunciante com o outro na sua imediaticidade, quando interessa observar o que o enunciante disse o que não disse e o que o dito representa como base informativa para viabilizar a interação.”. (2004, p. 108). Já o contexto mediato se refere ao condicionamento do discurso em ângulos mais amplos, tais como as ações do sujeito frente ao discurso enunciado e suas relações com as esferas e determinações sociais, possibilitando verificar as ações tomadas pelo sujeito na organização e construção do seu discurso.

⁴ Em sua obra, Voese utiliza a grafia “não-dito”. Consideraremos ao longo deste trabalho a norma ortográfica vigente, sem prejuízos de leitura e interpretação.

interpretação possível para o que se diz e a compreensão da discursividade do texto – organização metodológica que também será seguida por nós no discorrer do presente trabalho.

2 Proposta de análise

Um dos principais interesses de Voese é evidenciar como é possível trabalhar com o texto nas aulas de Língua Portuguesa de forma a propor o pensamento e a reflexão para além do que aparentemente se encontra explícito no texto. Assim, com base na proposta do autor, bem como em sua metodologia, trilharemos um caminho semelhante. Para isso, propomos uma aula de leitura e interpretação de texto para o terceiro ano do Ensino Médio, em que se objetiva, pelo trabalho conjunto entre professor e alunos, construir o sentido do texto para além do que é dito, ou seja, para além da superfície textual. Assim, a análise e a leitura que serão aqui propostas, longe de esgotarem as possibilidades de leitura e interpretação textual, trazem um caminho possível a se seguir pelos professores de língua, de forma a propor um trabalho de análise textual que possibilite que os alunos percebam como o texto que será abordado se estrutura, sua relação com outros textos e discursos, as motivações histórico-sociais, o contexto do enunciante e sua relação com o assunto sobre o qual o texto aborda/se posiciona, etc. Considerando o público-alvo da aula, trabalharemos com a leitura e interpretação de alguns fragmentos dissertativos pertencentes à opinião da jornalista Rachel Sheherazade sobre o Carnaval⁵. A opinião da jornalista foi veiculada no ano de 2011, no telejornal Tambaú Notícias, da emissora de televisão TV Tambaú, localizada em João Pessoa, na Paraíba, afiliada do SBT. Além de veicular seu ponto de vista sobre o Carnaval em rede aberta de televisão, a jornalista publicou seu discurso em seu blog pessoal, em postagem realizada no dia 2 de março de 2011⁶.

Abaixo, seguem os recortes selecionados R1, R2 e R3 (SHEHERAZADE, 2011; grifo da autora):

⁵ Por adentrarmos o campo da Análise do Discurso, consideramos o Carnaval como um tema propício a ser explorado, tanto pelo fato de ser um tema que desperta múltiplas interpretações e posicionamentos por parte da imprensa, quanto pela oportunidade de evidenciarmos os múltiplos discursos que se entrelaçam na literatura do Carnaval, ora se reafirmando, ora se refutando.

⁶ O posicionamento da jornalista em suas considerações e pontos de vista sobre a festa do Carnaval é longo e prolixo. Utilizaremos na presente análise alguns trechos desse posicionamento, retirados do texto publicado no blog. Aos interessados, nas referências deste trabalho encontra-se um link com o texto na íntegra e um link com um vídeo do Youtube em que é mostrado todo o discurso verbalizado pela jornalista no telejornal. Há pequenas diferenças na ordem dos elementos e no emprego de palavras do texto escrito para o texto verbalizado, entretanto não há prejuízo de sentido, visto que o discurso e o ponto de vista que a jornalista quer defender se mantêm.

R1: É uma festa popular. Balela! O carnaval virou negócio – dos ricos. Que o digam os camarotes VIP, as festas privadas e os abadás caríssimos, chamados “passaportes da alegria”.

R2: Carnaval só dá lucro para donos de cervejaria, para proprietários de trios elétricos e uns poucos artistas baianos. No mais, é só prejuízo.

R3: Alguém já parou para calcular o quanto o Estado gasta para socorrer vítimas de acidentes causados por foliões embriagados? Quantos milhões são pagos em indenizações por morte ou invalidez decorrentes desses acidentes?

[...]

Eu até acho que o carnaval já foi bom... Mas, isso foi nos tempos de outrora.

2.1 O dito: o que diz o enunciante do tema?

As opiniões levantadas pela jornalista se concentram nos aspectos financeiros que envolvem a festa do Carnaval. O aspecto financeiro se subdivide na construção de dois jogos: o primeiro envolvendo o termo “negócio”, e o segundo envolvendo a expressão “vítimas de acidentes”. A união de ambos os jogos culmina em uma conclusão assumida pela jornalista sobre o Carnaval. Analisando detalhadamente, temos:

- A) O primeiro jogo coloca em um mesmo patamar os termos “negócio” e “ricos”, por meio da associação envolvendo “camarotes VIP”, “festas privadas” e “abadás caríssimos”;
- B) A inserção do termo “lucro”, pertencente ao mesmo campo lexical de “negócio”, completa a ideia de “ricos”, reforçada ainda pelo uso das expressões “donos de cervejaria”, “proprietários de trios elétricos” e “artistas baianos”, que se comportam como componentes relacionados à esfera de “ricos”;
- C) A tríade composta por “negócio”, “ricos” e “lucro” argumenta para a primeira afirmação feita: de que é balela dizer que o Carnaval é uma festa popular;
- D) Tudo aquilo que não compõe a tríade “negócio”, “ricos” e “lucro” não pode trazer benefícios. Logo, essa posição argumenta no sentido da outra afirmação realizada: “No mais, é só prejuízo”;
- E) Já o segundo jogo associa o termo “foliões embriagados” como responsáveis por “vítimas de acidentes”. O jogo proposto ainda supõe uma sequência lógica: os “foliões embriagados” causam “vítimas de acidentes” cujo socorro custa ao Estado; destes, alguns morrem ou se tornam inválidos, que custam milhões em indenizações;
- F) Os dois jogos associados levam a uma conclusão: que o carnaval não é bom, ou que já foi bom em tempos de outrora. A conclusão tomada pela associação dos dois

jogos traz então como paráfrase a defesa de que o Carnaval pertence ao rico e aos poderosos, e, fora eles, só há prejuízo. Também traz muitos acidentes que custam muito dinheiro ao Estado, além das indenizações em caso de morte e invalidez. Logo, o Carnaval não é bom.

2.2 O não dito: o que no destaque de palavras e expressões silencia o enunciante?

Ao se referir ao não dito, Ingo Voese (2004, p. 116-117) nos leva à orientação de Bakhtin no tocante ao dialogismo do discurso, em que se postula que um texto não tem vínculos apenas com outros que concordam com o que o autor diz, mas também com textos que se opõem a ele. Para revelar os silenciamentos num movimento de retorno ao texto, utilizaremos, da mesma forma como propõe Voese (2004), um cotejo entre os recortes do texto em análise juntamente com outros textos retirados do noticiário de jornais e revistas.

Para isso, dividiremos o posicionamento da jornalista em três recortes (R1, R2 e R3). Para cada recorte faremos um cotejo de textos evidenciando os discursos que se materializam explicitamente no texto, juntamente com os discursos que se encontram silenciados, ou seja, expressos de forma implícita – um dito de forma não dita. Assim, inicialmente trazemos o recorte R1 juntamente com um cotejo composto de três recortes de textos veiculados na grande mídia (R4, R5 e R6):

Recorte R1 do texto: É uma festa popular. Balela! O carnaval virou negócio – dos ricos. Que o digam os camarotes VIP, as festas privadas e os abadá caríssimos, chamados “passaportes da alegria”. (SHEHERAZADE, 2011).

Cotejo de textos - R4, R5 e R6:

R4: Leci Brandão marcou a figura da mulher no samba – foi a primeira mulher a participar da ala de compositores da Mangueira – e sempre foi muito respeitada por isso e por sua postura política. Uma das que sempre relembra que o carnaval é a festa do povo e não dos VIPs. (A CANECA..., 2008).

R5: Os desfiles tornaram-se praticamente sinônimo de carnaval no centro-sul do Brasil. No Nordeste, as festas mais populares do carnaval são as de rua. Na Bahia, o trio elétrico, criado em 1950 pelo lendário Dodô e agora espalhado por todo o país, e em Pernambuco, a dança dos blocos de frevo. Foi assim, com tanta gente participando das folias, que o carnaval brasileiro se tornou o maior e mais conhecido do mundo. (NASS, 2003).

R6: “O nosso forte é a comunidade, por isso as fantasias são doadas. Os ensaios de comunidade têm muita importância, pois é nosso chão, nossos componentes que vão nos ajudar na conquista deste título para São Gonçalo. Os ensaios técnicos ajudam a encaixar o samba com a bateria, ajudam a comunidade aprender a cantar a letra. A Porto da Pedra está fazendo uma grande homenagem ao samba e ao carnaval”, afirma o presidente da vermelho e branco, Fabio Montibelo. (FONTES, 2013).

O cotejo dos textos, ou seja, a contraposição dos discursos de R4, R5 e R6 com R1, permite analisar os seguintes silenciamentos:

- A) O Carnaval surgiu, historicamente, como uma festa do povo, que se espalhou rapidamente a diversas esferas sociais;
- B) O Carnaval é sempre associado no senso comum aos desfiles que acontecem no centro-sul do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, mas há diversas formas de se comemorar a festa, seja pelos trios elétricos na Bahia, ou o frevo e o maracatu em Pernambuco. Hoje se fala em folias justamente pelo fato de o Carnaval ser uma festa muito heterogênea, apresentando uma diversidade de formas de se comemorar perante tradições, costumes e regiões Brasil afora.
- C) Se não fosse o espetáculo proporcionado pelos desfiles e toda arte envolvida no espetáculo no Rio de Janeiro, será que haveria tanto interesse por parte dos empresários e classes mais abastadas? Provavelmente não. Logo, a festa chama a atenção e ganha proporções gigantescas pelo comprometimento das comunidades que fazem o Carnaval ao longo do ano inteiro.
- D) O envolvimento de milhares de pessoas com a festa fez com o que Carnaval brasileiro ganhasse reconhecimento internacional, a ponto de ser chamado de maior espetáculo da terra – espetáculo feito pela comunidade, por artistas, artesãos, escultores, pintores, retratistas, ritmistas, entre outros.
- E) As festas privadas e abadás caríssimos são uma pequeníssima minoria, frente à grande massa que brinca Carnaval por conta própria. A população na rua ultrapassa milhões, ao passo que os mais ricos em suas festas e camarotes Vips não ultrapassam poucos mil.

O recorte de texto R2, representado pelo trecho abaixo, pode ser submetido ao cotejo com quatro recortes (R7, R8, R9 e R10):

Recorte R2 do texto: Carnaval só dá lucro para donos de cervejaria, para proprietários de trios elétricos e uns poucos artistas baianos. No mais, é só prejuízo. (SHEHERAZADE, 2011).

Cotejo de textos - R7, R8, R9 e R10:

R7: Nos próximos cinco dias, os olhos do mundo se voltam para o Brasil. Estamos no Carnaval, uma das festas mais aguardadas no ano, não só pelos brasileiros, mas também pelos turistas que gostam de Sol, tem alegria e apreciam belas paisagens do País. Apesar da festa, aparentemente descomprometida com questões econômicas, nos últimos anos passou a contribuir com os resultados financeiros do País alavancando os setores de turismo, serviços, hotelaria e gerando empregos para artesãos e até em mão de obra qualificada (arquitetos, engenheiros elétricos, especialistas em moda, historiadores entre outros). Um negócio que nas últimas décadas do século passado tinha como referência apenas o Rio de Janeiro, tomou grandes proporções e hoje, o Carnaval move as economias das principais cidades brasileiras, tanto das capitais como dos municípios. (ESPECIAL Carnaval..., 2012).

R8: Turismo brasileiro comemora números do Carnaval (*manchete*)
Hotéis, bares, restaurantes e prestadores de serviços estão entre os que mais se beneficiaram com o fluxo turístico gerado com a folia. O Carnaval movimentou toda a cadeia ligada ao Turismo e se mostrou um negócio altamente lucrativo. Apenas os viajantes brasileiros movimentaram R\$ 6,6 bilhões no período, o que representa 3% do total gerado pelo setor em um ano, de acordo com dados do Ministério do Turismo. “O Carnaval é um dos eventos que dá forma à identidade turística do Brasil e coloca o país em posição de destaque no mundo”, disse o ministro do Turismo, Vinicius Lages. “É uma experiência originalmente nossa, única, que só é possível viver aqui – e isso é um forte atributo de competitividade”, afirmou. (BRAGA, 2015).

R9: Artista plástico conta como ganha dinheirinho extra no Carnaval (*manchete*)
Natural de Salvador, o artista plástico Sidney Lima mora no Espírito Santo, mas voltou à sua cidade natal para ganhar um dinheirinho extra neste Carnaval. Sidney produz barcos, caravelas e esculturas em geral a partir das cascas do licuri, piaçava, biriba e barbante e tem custo zero com elas. O lucro, no entanto, já chegou a 400 euros. Busco minha matéria prima no mato e vendo de acordo com o que eu produzo. "Graças a Deus eu vendo tudo que faço, nunca sobra nada", revelou. Segundo o artista plástico, a época de festa é propícia para vendas. "O turista compra muito. Vou passar o Carnaval revezando entre o Pelourinho e a Barra", contou. (ARTISTA plástico..., 2015).

R10: Artistas de Piraí ganham destaque no Carnaval 2015 (*manchete*)
Piraí - O Carnaval 2015 de Piraí está prestigiando os artistas locais. Durante as matinês, grupos de pagode se apresentarão em Piraí e Arrozal. A banda Halley também fará parte da festa, que começará no domingo e seguirá até terça-feira, sempre a partir das 16 horas. Para o secretário de Cultura, Charles Barizon, “é uma forma de dar oportunidade aos grupos ou artistas do município, para mostrarem seu talento de forma que possam conquistar mercado e evoluir”. (ARTISTAS de Piraí..., 2015).

Os principais silenciamentos que podem ser retirados do cotejo são:

- A) O Carnaval brasileiro atrai milhares de turistas que alavancam o setor de turismo, serviços e hotelaria, gerando empregos formais e informais, o que traz grande aporte para o giro e entrada de capital;
- B) O país é a vitrine do mundo durante os dias de folia. Os olhos do mundo dirigem sua atenção para o Brasil;
- C) A economia depende diretamente da injeção financeira proporcionada pelo Carnaval. A balança entre saída e entrada de dinheiro indica um superávit gigantesco, do qual o país é ainda muito dependente;
- D) Os artistas (pintores, escultores, desenhistas, aderecistas, músicos, costureiros, entre outros) encontram no Carnaval o trabalho (seja ele formal ou informal) que irá garantir seu sustento;
- E) O Carnaval é a principal vitrine de exposição desses artistas e profissionais, que por sua arte colaboram para a festa enquanto patrimônio artístico e cultural.

Por fim, consideramos agora o cotejo de R3, abaixo copiado, com os recortes R11, R12 e R13:

Recorte R3 do texto: Alguém já parou para calcular o quanto o Estado gasta para socorrer vítimas de acidentes causados por foliões embriagados? Quantos milhões são pagos em indenizações por morte ou invalidez decorrentes desses acidentes? [...] Eu até acho que o carnaval já foi bom... Mas, isso foi nos tempos de outrora. (SHEHERAZADE, 2011).

Cotejo de textos - R11, R12 e R13:

R11: Leci Brandão: Carnaval não combina com violência e discriminação. (LECI Brandão..., 2015).

R12: Número de acidentes fatais nas rodovias durante o Carnaval tem redução de 25% (*manchete*)

Nos três primeiros dias da operação Carnaval 2013, o número de mortos nas estradas brasileiras caiu de 130, em 2012, para 97, neste ano, no mesmo período. Balanço parcial da Polícia Rodoviária Federal (PRF), com dados dos três primeiros dias da Operação Carnaval 2013, revela que o número de mortes nas estradas brasileiras caíram 25% em relação ao mesmo período do ano anterior. Foram 97 acidentes fatais contra 130 em 2012.

Este primeiro levantamento da operação mostrou ainda redução de 2,6% nos acidentes (2051 em 2012 contra 1997 em 2013) e 15,7% no número de feridos (1.303 para 1.098). Além disso, o número de testes de embriaguez aplicados pela PRF nos três primeiros dias de Carnaval já supera o realizado em toda operação em 2012, quando 30.425 motoristas foram testados. (NÚMERO de acidentes..., 2014).

R13: Natal é o feriado mais violento de 2012. A imprudência ainda está entre as causas e a polícia vai intensificar o alerta no ano-novo.

O feriado prolongado de Natal terminou na madrugada de ontem como o mais violento do ano nas estradas mineiras, superando em 18,2% as mortes do recesso de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro. Foram 65 mortos e 750 feridos em 921 acidentes, de acordo com balanço apresentado ontem pelas polícias rodoviárias Federal (PRF) e o Departamento de Meio Ambiente e Trânsito (Dmat) da Polícia Militar. A média foi de 13 mortes por dia. O feriado prolongado de 12 de outubro vem em seguida, com 55 mortos e 594 feridos (26,3%) em 826 acidentes (-11,5%). O carnaval tinha marca de época com mais pessoas feridas entre os nove grandes recessos de 2012, chegando a 738 (-1,36%)

As rodovias estaduais superaram as federais em nove mortes: 37 contra 28. As duas corporações destacaram a imprudência e o grande volume de veículos, circulando por dias consecutivos, como as principais causas de batidas e atropelamentos. (PARREIRAS, 2012).

Comparando R3 com o cotejo de textos, temos os seguintes silenciamentos identificados:

- A) Enquanto festa popular o Carnaval não visa promover a violência, os acidentes ou quaisquer outros problemas; aliás, nenhuma festa tem esse objetivo ou causa;
- B) A redução crescente do número de mortes e de acidentes, devido às campanhas realizadas contra o uso de bebida alcoólica associada à direção de veículos;
- C) A imprudência de muitos motoristas associada ao aumento da frota como principal fator dos acidentes.

2.3 O modo de enunciação: como atua o enunciante?

Nos fragmentos dissertativos utilizados pela jornalista, podem ser observadas as seguintes escolhas sobre o modo de enunciação:

- A) Expressões relacionadas apenas ao universo das classes mais abastadas ou termos a ela ligados, tais como “camarotes VIP”, “festas privadas”, “abadás caríssimos”, “donos de cervejaria”, “proprietários de trios elétricos” e “artistas baianos”, o que é uma pista de que o enunciante inclui a voz de apenas um único lugar social (o do rico) para avaliar o que diz e conduzir sua conclusão;
- B) Os fragmentos apresentam afirmações estanques, fixas, considerando apenas o aspecto financeiro relacionado a uma única classe social.
- C) A jornalista inicia sua argumentação com uma afirmação: “É uma festa popular”. Em seguida, ela contradiz essa afirmação, por meio de um jargão popular: “Balela”;

- D) O uso reiterado da expressão “só”, que no primeiro caso atua como verificador do escopo “dá lucro para donos de cervejaria, para proprietários de trios elétricos e uns poucos artistas baianos” e no segundo caso, destaca o termo “prejuízo”, excluindo outras possibilidades. O uso do advérbio acaba criando uma ideia de aparente verdade irrefutável;
- E) Majoritariamente, o texto é construído no presente, o que se apoia na teoria de Émile Benveniste (1995) de que o uso do presente insere o sujeito na língua, aproxima-o do discurso que veicula. Porém, cabe notar o uso certo da jornalista no uso do verbo *virar*, conjugado no pretérito perfeito do indicativo (*virou*), que pela mesma teoria de Benveniste, alia-se ao discurso da história, o que sugere como forte argumento uma mudança em relação ao Carnaval – mudança esta entendida numa transformação da festa, que antes não era “negócio dos ricos”, mas agora “virou”.
- F) O uso de expressões lexicais relacionadas ao campo semântico de “prejuízo”, tais como “calcular”, “gasta”, “pagos”, “milhões” e “indenizações”, o que articula o discurso no sentido de que se não houvesse Carnaval, não haveria gastos aparentemente desnecessários;
- G) As escolhas feitas pela jornalista baseiam-se em alguns valores que circulam na sociedade, isto é, o dito faz parte de um senso comum, de discurso proferido socialmente, o que argumenta para sua veiculação e rápida identificação dos ouvintes / interlocutores.

2.4 Uma interpretação possível: por que o enunciante diz o que diz do modo como diz?

A análise permite observar que o enunciante aparentemente constrói uma teia de argumentos lógicos que convergem para uma determinada conclusão. Entretanto, devemos considerar o caráter limítrofe dos argumentos e da conclusão, tomados a priori pela opinião do senso comum representativo de uma grande massa da população, além do fato de o enunciatador ser alguém distante da realidade que envolve o tema debatido.

Inicialmente, percebe-se no modo de enunciar da autora dos fragmentos dissertativos uma insistente preocupação com os aspectos financeiros que circundam a festa do Carnaval. A autora supõe pela construção dos argumentos que realiza que o Carnaval apenas privilegia a classe dominante (mais abastados – ricos) em detrimento da classe que deveria privilegiar (os mais pobres). Além disso, ela considera o aspecto e o montante financeiro gasto com os acidentes causados por foliões beberrões, que de seu ponto de vista é um dinheiro gasto que

poderia ser poupado. Sendo assim, em tempos de outrora, o Carnaval seria bom, ao passo que nos padrões atuais é só prejuízo, como a própria autora coloca.

Não se defende aqui que na festa em questão não haja pontos muito discutíveis e talvez que mereçam uma crítica considerável. Porém, devemos considerar que enquanto jornalista, conhecedora da cultura e do domínio da escrita, além de bem-sucedida profissionalmente, a enunciante também se enquadra na classe mais abastada, talvez não rica, mas certamente privilegiada. Talvez devessem ser questionadas as razões que levam a população a amar tanto o Carnaval, principalmente a população mais carente que mora e circunda os arredores das quadras, morros e favelas em que se desenvolvem os principais festejos carnavalescos do Brasil. Nesse contexto, pode-se então pensar que o Carnaval, além de trazer o sustento e o pão das pessoas envolvidas, também é o palco para a exibição dos artistas. Por esse lado, vemos alguém da elite dizer algo sobre o Carnaval, em que considera os aspectos apenas questionáveis da questão, excluindo tudo de bom que possa haver na mesma. Alguém que não vive e não depende diretamente do Carnaval como meio de existência e de renda. Como postulou Gnerre, em 1985 (*apud* Voese, 2004, p. 5) “a linguagem não é usada somente para veicular informações [...mas também para] comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive.”.

O caminho discursivo tomado pela autora na tessitura dos argumentos também leva em consideração a generalização como efeito de persuasão. Ao sugerir um enorme montante de dinheiro gasto com o socorro de vítimas de acidentes causados por foliões embriagados, há o subentendido de que, se não houvesse a festa, esse gasto não existiria. Argumento ingênuo, pois o que se dizer então do montante exorbitante gasto em acidentes ocorridos em outros feriados, ou talvez em questões mais críticas, como o desvio financeiro e a corrupção que assolam o país. Aliás, talvez, considerando a posição de jornalista e de crítica ferrenha do sistema político e da corrupção existente no Brasil, entenda-se a crítica da mesma para o Carnaval, visto que, ao se considerar que apenas os ricos e donos de negócios têm lucro, a jornalista queira na verdade criticar a corrupção e levantamento de dinheiro ilegal que envolve algumas pessoas e entidades ligadas ao Carnaval. Porém, se é mesmo essa a intenção da jornalista, percebe-se que de forma infeliz foi sua proposta inicial de denunciar os aparentes problemas que envolvem a temática carnavalesca.

Considerando ainda a opinião expressa frente a um fato, podemos perceber que o discurso se constrói no isolamento de outras vozes. Aparentemente, ao tentar trazer a “verdade” do que seja o Carnaval, a jornalista desconsidera as milhares de posições e pessoas envolvidas com a temática, ao utilizar apenas um senso comum relativo à parcela da

população que na maior parte dos casos vive isolada ou muito distante do universo que realmente circunda a questão e problemáticas do Carnaval.

Logo, ao dizer aquilo que muitos dizem por aí, a jornalista propõe reafirmar algo que tem para si como verdadeiro, quando, na verdade, ao invés de legitimar o discurso que ela tenta reafirmar, o que ocorre é o contrário, pois se levanta o questionamento das falas e do discurso, frente à posição ocupada pela enunciante, seja como representante da mídia elitista ou como profissional desconectada do evento e de sua importância social.

2.5 A compreensão da discursividade

Caminhando até aqui, observa-se que é possível levantar algumas questões que se referem à hierarquização dos lugares sociais que determinam as possibilidades e os modos de enunciação.

Do modo como construídos os argumentos, fica evidente que eles refletem a ideologia e uma concepção do Carnaval, baseada em:

- A) Carnaval é uma festa comercial que privilegia apenas os ricos, tornando-os mais ricos;
- B) A festa tida como do povo é mero pretexto para o enriquecimento dos já ricos;
- C) A alegria do povo com o Carnaval causa prejuízos financeiros e mortes por acidentes causados por foliões embriagados.

Logo, considerando que a concepção e a ideologia adotada foram veiculadas na mídia televisiva, imagina-se e entende-se a visão da jornalista como a verdade entendida pela sociedade, divulgada aos ventos e a todas as pessoas e telespectadores do jornal.

Se considerarmos agora os cotejos realizados e os silenciamentos que as vozes de outros textos trazem, entenderemos a postulação de argumentos que privilegiam apenas uma face da questão, desconsiderando, refutando ou menosprezando os demais envolvidos. Talvez ainda, a posição adotada seja o reflexo de uma realidade social, que encontra na voz de uma jornalista, talvez inconformada com os muitos problemas e gastos excessivos no Brasil, sem mencionar a corrupção, obras superfaturadas e desvios de dinheiro público, uma maneira de generalizar e incluir o Carnaval, de tecer uma crítica a essa festa popular, justamente por movimentar muito dinheiro e se supor que também compartilha de excessos e violações financeiras.

Considerando ainda os silenciamentos como tentativas de apagamento das vozes que compõem a heterogeneidade do Carnaval, essas tentativas podem ser consideradas como pistas de uma possível ação ideológica que procura garantir a aceitação de uma verdade ou

definição única para um projeto, efeito social. Em outras palavras, os silenciamentos presentes são as evidências de uma tentativa de homogeneização da reprodução de um discurso pronto, estruturante de uma sociedade que pensa e reflete tudo o que a cerca apenas pelo aspecto financeiro, desconsiderando a influência tanto ou até mais importante dos efeitos e ações que podem criar / despertar o Carnaval enquanto patrimônio cultural, histórico e social da nação.

Voese (2004, p. 129) ainda menciona que:

A atividade enunciativa do autor, procurando apagar o que se alistou como silenciamentos e contradições em relação a outros ditos possíveis, confirma a ideia de que, numa dada formação social, há discursos diferentes sobre uma mesma temática, ligados, porém, a diferentes grupos sociais e determinados por ideologias antagônicas.

Nesse sentido, não é de se estranhar a percepção da visão que envolve o Carnaval frente ao enunciador que veicula sua posição, pois os que vivem e se beneficiam do Carnaval obviamente o defendem, ao passo que os que muito distante se encontram dessa realidade apenas conseguem analisar e identificar os problemas da questão, sem conseguir ver com bons olhos o que realmente há de positivo na festa.

3 Conclusão

Nesta pequena análise realizada, tentou-se mostrar um pouco da Análise do Discurso enquanto proposta de trabalho com textos em aulas de Língua Portuguesa. Cabe destacar que o pouco que aqui se trouxe é apenas um caminho possível a se seguir, em que as possibilidades de maneira nenhuma se esgotam. Na verdade, a condução da análise propiciou, talvez, a possibilidade de se refletir sobre outras maneiras e metodologias de análise textual nas aulas de Língua Portuguesa. Longe de se dar por encerrada, a Análise do Discurso se mostra cada vez mais ativa e presente no universo escolar e de formação do ser humano, considerando que possibilita o pensamento enquanto formação ideológica e histórica, propiciando adequação e inserção do sujeito na língua, o que resulta no próprio entendimento da *persona* humana frente aos discursos e textos que circundam seu universo e compõem sua identidade linguística.

Referências

A CANECA de Leci. *Revista Dinâmica*, ed. 2. Seção MP2, p. 27, 2008. Disponível em: <http://issuu.com/bscomunicacao/docs/edicao_02>. Acesso em: 16 out. 2015.

ARTISTA plástico conta como ganha dinheirinho extra no Carnaval. Portal Ibahia, 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/artista-plastico-Conta-como-ganha-dinheirinho-extra-no-carnaval/?cHash=f4f02200c867a418046b6e16b28bae95>>. Acesso em: 16 out. 2015.

ARTISTAS de Piraí ganham destaque no Carnaval 2015. *Folha Vale do Café*, Rio de Janeiro, 12 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.folhavedocafe.com.br/cidade/artistas-de-pirai-ganham-destaque-no-carnaval-2015-1.1535639#.Vi5LD36rTIU>>. Acesso em: 18 out. 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAGA, Gustavo Henrique. Turismo Brasileiro comemora números do Carnaval. Ministério do Turismo. 23 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/1422-turismo-brasileiro-comemora-numeros-do-carnaval.html>>. Acesso em: 18 out. 2015.

ESPECIAL Carnaval: contribuição para economia do Brasil. Associação Brasileira de Empresas de Eventos - ABEOC Brasil, 24 fev. 2012. Disponível em: <http://www.abeoc.org.br/2012/02/especial-carnaval-contribuicao-para-economia-do-brasil/>. Acesso em: 17 out. 2015.

FONTES, Prisca. Escolas esquentando os pés dos foliões para o próximo carnaval. *O fluminense*. Rio de Janeiro, 13 out. 2013. Caderno Cidades. Disponível em: <<http://fonseca.soumaisniteroi.com.br/escolas-esquentando-os-pes-dos-folioses-para-o-proximo-carnaval/>>. Acesso em: 17 out. 2015.

LECI Brandão: Carnaval não combina com discriminação. Entrevista de Leci Brandão ao Portal da CTB, São Paulo, 14 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/258957-8>>. Acesso em: 19 out. 2015.

NASS, Daniel Perdigão. A história do carnaval brasileiro. *Revista Eletrônica de Ciências*, ed. 17, 2003. Disponível em: <http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_17/carnaval.html>. Acesso em: 15 out. 2015.

NÚMERO de acidentes fatais nas rodovias durante o Carnaval tem redução de 25%. Portal Brasil. Seção Governo, publicado em 14 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2013/02/numero-de-acidentes-fatais-nas-rodovias-durante-o-carnaval-tem-reducao-de-25>>. Acesso em: 16 out. 2015.

PARREIRAS, Matheus. Gastos com vítimas de acidentes chegam a R\$31,5 milhões em Minas. *Estado de Minas*. Portal EM.com.br, Seção Gerais, 27 dez. 2012. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/12/27/interna_gerais,339573/gastos-com-vitimas-de-acidentes-chegam-a-r-31-5-milhoes-em-minas.shtml>. Acesso em: 17 out. 2015.

SHEHERAZADE, Rachel. Esperando a quarta-feira de Cinzas. 2 mar. 2011. Disponível em: <<http://rachelshheherazade.blogspot.com.br/2011/03/esperando-quarta-feira-de-cinzas.html>> Acesso em: 15 out. 2015.

_____. Telejornal Tambaú Notícias. João Pessoa, fev. 2011. Crítica sobre o CARNAVAL -

Jornalista Rachel Sheherazade. Vídeo postado por Hick Hovick. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuadotEn_to>. Acesso em: 15 out. 2015.

VOESE, Ingo. Análise do discurso: uma proposta. In: _____. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção aprender e ensinar com textos, 13). cap. 3, p. 105-131.

Obras consultadas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos linguísticos*, v. 19, p. 25-42, 1990.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes; Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. O advérbio. In: _____. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012. cap. 6, p. 245-278.

**E AGORA, JOSÉ, A PESQUISA ACABOU?
O ESPAÇO-FRONTEIRA VISTO COM OUTROS ÓCULOS!**

Cleane Aparecida dos Santos¹

Resumo

Este artigo tem como recorte uma pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação de uma universidade do interior do estado de São Paulo, constituída como uma pesquisa-ação estratégica realizada pela professora-pesquisadora, que lecionava para uma turma de alunos do quinto ano das séries iniciais. Após a conclusão da dissertação, a pesquisadora realizou uma experiência de leitura do texto, viu com “outros óculos” e produziu algumas reflexões na perspectiva do trabalho docente. Para esse trabalho, elegeu-se uma das subcategorias de análise denominada de “espaço-fronteira”. Nesta subcategoria, os alunos fotografaram os espaços da escola e produziram os seus registros escritos. Ao revisitar os diários de campo da pesquisa e os registros dos alunos, a pesquisadora pôde atribuir (re)significações para o trabalho docente.

Palavras-chave: Professor. Fotografias. Narrativas. Espaço-fronteira. Trabalho docente.

Abstract

This article is a clipping of a Masters thesis defended on the Post-Graduate Program of a university in the interior of the state of São Paulo, made of as a strategic research-action conducted by the teacher-researcher, who taught a group of fifth grade students. After the completion of the dissertation, the researcher carried out a text reading experience, viewed with "other glasses" and made some reflections on the teaching work perspective. For this work, one of the subcategories of analysis called "space-boundary" was chosen. In this subcategory, students photographed school spaces and produced their written records. By revisiting the research field journals and the students' records, the researcher could assign (re)meanings for the teaching work.

Keywords: Teacher. Photographs. Narratives. Space-boundary. Teaching work.

Refazendo um caminho: primeiras palavras

Minha atuação como professora dos anos iniciais do ensino fundamental, como formadora de professores e a inserção no Mestrado, bem como a sua conclusão, têm possibilitado que cada vez mais possa (re)significar a minha prática docente e consequentemente o trabalho com formação de professores. Acrescento também neste caminho percorrido, agora mais recentemente, a possibilidade de me inserir como docente do Ensino Superior, no qual o meu fazer pedagógico é misturado por todas as vivências

¹ Doutoranda em Educação e Mestre em Educação pela Universidade São Francisco/SP, pedagoga, com especializações em psicopedagogia e gestão escolar. Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário Padre Anchieta e também da educação infantil e das séries iniciais na rede municipal de ensino de Jundiaí-SP. E-mail: cleane.santos@bol.com.br.

anteriores e que o professor referência central deste processo para graduandas tem a tarefa de “viver” o que é ser professor, com a perspectiva de que a teoria e a prática se tornem de fato elementos que mobilizem o trabalho docente.

Refletir sobre a prática possibilita novas formas de “ver”, aprender e ensinar: como não há apenas uma metodologia para ensinar aos alunos, assim também ocorre na formação dos professores.

Isso nos remete a buscar alternativas para atendermos ou pelo menos nos aproximarmos das expectativas dos professores, especialmente em relação à atuação em sala de aula com vistas a pensar sobre a aprendizagem dos alunos, bem como a reflexão sobre a própria prática. Nesse sentido, esse movimento reflexivo sugere ao professor que ele transite pela zona de risco, possibilitando que a sua prática pedagógica mobilize para a transformação e que ele se sinta encorajado a arriscar mesmo que em algum momento se sinta pouco seguro. Desta forma, a zona de risco talvez seja uma das melhores formas de expressar a essência da prática pedagógica.

Para o presente artigo trago as fotografias e as produções escritas de alunos do quinto ano do ensino fundamental que os alunos produziram ao longo do ano, os quais revelam suas impressões sobre o espaço escolar. Juntamente com os registros dos alunos, apresento as reflexões sobre o diário de campo² da professora-pesquisadora durante a realização da pesquisa.

Parto do pressuposto de que considerar os escritos dos alunos para repensarmos a prática docente nos possibilitou a discussão da cultura de aula de matemática e, provavelmente, a ruptura de crenças construídas historicamente, além da possível produção de um repertório de saberes sobre o trabalho do professor.

Trata-se de um estudo que foi realizado com uma turma de 34 alunos do quinto ano das séries iniciais de uma escola municipal na cidade de Jundiaí/SP, no ano de 2009. O objetivo deste artigo é analisar como o registro dos alunos, aliado ao registro do diário de campo, fomentou repensar a prática docente e a pesquisa.

O texto foi organizado nas seguintes seções: alguns apontamentos iniciais sobre o trabalho docente e suas especificidades, revisitando os registros no qual trazemos o “espaço-

² Para situar o leitor, os registros do diário serão trazidos ao longo do texto entre aspas, nas notas de rodapé.

fronteira”³ como cenário para a reflexão da docência e da pesquisa, e as reflexões finais advindas deste processo.

Alguns apontamentos iniciais sobre o trabalho docente

O propósito deste texto é apresentar um breve recorte das análises decorrentes do “espaço-fronteira”, a partir da perspectiva do trabalho docente com base nos estudos de Gentili (2005), Tardif e Lessard (2011) e Yves Clot (2010).

A definição de trabalho docente é bastante plural e interpretada por vários pesquisadores no campo das ciências, tendo como, por exemplo, o viés sociológico, o histórico, o antropológico e mais recentemente os estudos de Yves Clot sobre ergonomia e clínica da atividade.

As pesquisas apontaram que o trabalho do professor é imerso por muitas especificidades, e especialmente pelas interações. Desta forma, resumidamente, Machado (2007, p. 93) revelou:

O trabalho docente consiste em uma mobilização, pelo professor, de seu ser integral, em diferentes situações de planejamento, de aula, de avaliação, com o objetivo de criar um meio que possibilite aos alunos a aprendizagem de um conjunto de conteúdos de sua disciplina e o desenvolvimento das capacidades específicas relacionadas a esses conteúdos, orientando-se por um projeto de ensino que lhe é prescrito por diferentes instâncias superiores e com a utilização de instrumentos obtidos no meio social e na interação com diferentes outros que, de forma direta ou indireta, estão envolvidos na situação.

Desta forma, o trabalho realizado pelo professor é atravessado por uma complexidade, e o que se tem constatado muitas vezes, nos momentos formativos, um descontentamento por parte dos professores, em relação especialmente às prescrições que os sistemas educacionais de forma vertical comumente elaboram e fazem chegar até a escola e que aos professores resta apenas cumpri-las incondicionalmente.

Pesquisa sobre trabalho docente ressalta a teoria do Capital humano (GENTILI, 2005). Acredita-se que se tratou de uma implantação de uma teoria engendrada por uma lógica neoliberal e de uma “promessa integradora”.

Partindo dessa teoria, observa-se que, ao mesmo tempo em que “oferece uma educação para todos” e a “garantia de emprego”, banalizam-se as ações. Paradoxalmente, há a

³ Espaço nomeado na pesquisa por acreditar que os pesquisadores e os professores em sala de aula se encontram muitas vezes na fronteira da escrita de seus trabalhos e também da prática pedagógica – a fronteira entre a pesquisa e a prática é inerente à pesquisa-ação estratégica, abordagem adotada na dissertação.

presença de um jogo de palavras, como, por exemplo: individualismo versus democracia, globalização versus sucateamento, mercadoria versus pessoas, enfim, a lógica imposta não propicia uma articulação saudável entre políticas públicas e trabalho docente.

Por meio da abordagem sociológica (FANFANI, 2007), apontam-se as interfaces que acometem o trabalho do professor. Uma delas está relacionada diretamente ao modo como as políticas públicas são pensadas. Os escritos revelam um “embate simbólico” com as mais variadas formas de controle.

A lógica capitalista entra pelo portão da escola sem pedir licença; assim, todos os que trabalham na escola, especialmente os docentes, convivem diretamente com ela. Ao mesmo tempo em que nos documentos oficiais prega-se a suposta coletividade, o próprio fazer docente é marcado muitas vezes por solidão, pois poucos são os espaços de partilha e de dar ouvidos e voz aos professores.

Uma questão a ser apontada, com base nos estudos de Oliveira (2007), é o alerta sobre o quanto a “autonomia” das escolas e dos professores pode sobrecarregá-los. Como a própria autora escreve (p. 367): “ao mesmo tempo que cresce a autonomia dos sujeitos, também cresce o controle sobre eles”. Assim, o discurso da escola da eficácia e da igualdade parece não resultar em boa combinação, pois nelas estão implícitas formas regulativas e de controle.

Dessa forma, a pretensão deste texto é trazer uma reflexão sobre o trabalho docente, mediada pelas fotografias realizadas pelos alunos juntamente com as narrativas deles, o diário de campo e o processo reflexivo da professora-pesquisadora após a conclusão da sua dissertação.

Revisitando os registros: o espaço-fronteira

Para situar o leitor, é necessário explicitar que este texto se originou da leitura da dissertação de Santos (2011)⁴ que culminou no livro recém-publicado intitulado *Aprendizagem em Geometria na Educação Básica: a fotografia e a escrita na sala de aula*⁵, produto de uma pesquisa-ação estratégica (FRANCO, 2005) realizada pela professora-pesquisadora. Durante a realização do trabalho, foram identificadas quatro subcategorias: espaço-controle, espaço leitura-escrita, espaço-sonho e espaço-fronteira. Concordamos com Najmanovich (2001), que defende que cada leitor pode traçar sua própria categoria ligada às experiências.

⁴ “Fotografar, escrever e narrar: A elaboração conceitual em Geometria por alunos do quinto ano”, defendida no ano de 2011, no programa de pós-graduação em Educação na modalidade Stricto Sensu da Universidade São Francisco. Disponível em: www.usf.edu.br.

⁵ Mais informações no site da Editora Autêntica (www.autentica.com.br).

O presente recorte para este texto tem como enfoque retomar os registros produzidos pelos alunos juntamente com as imagens do espaço-fronteira produzidas por eles e o diário de campo da professora-pesquisadora. Nas imagens produzidas, os alunos justificavam a escolha das cenas fotografadas. A professora-pesquisadora produziu seu diário de campo com suas observações e reflexões.

Ao revisitar os registros escritos da professora-pesquisadora, concordo com as ideias apontadas por Najmanovich (2001) no que tange à exploração da noção de “corpo da modernidade”, ou seja, o que nos atravessa e nos constitui.

Mas como emergiu esta subcategoria de análise? Quais os indícios para a criação do espaço-fronteira? O movimento de produção das fotografias dos alunos e das suas escritas e as análises que fizemos, bem como o diário de campo da professora-pesquisadora, propiciaram a criação desse espaço.

Esse espaço certamente permitiu suscitar reflexões, ações, medos, alegrias, certezas e muitas incertezas em relação ao caminho da pesquisa e permitiu repensar a prática em sala de aula. Certamente, criamos muitos mecanismos de resistência, a fim de escavar novas formas de pensar a aula de Matemática, rompendo com o pragmatismo destacado pelos filósofos da modernidade que se alicerçam na lógica cartesiana.

Destaco que nesse movimento constitutivo de realização da pesquisa acadêmica e, paralelamente, ao da docência, não há como desconsiderarmos o processo de trans(formação) da professora-pesquisadora. Trata-se de um movimento refletido de re(ver) o que nos move a desenvolver um trabalho em que as “certezas” são postas em xeque, seja pela ruptura sistemática dos modos de ensinar nos quais, na maioria das vezes, o professor é visto como detentor de saber e poder.

Acredito que os alunos também estiveram em vários momentos na fronteira para a execução de suas tarefas. Oportunizar que esses alunos saíssem a campo visando experimentar situações que propiciassem a elaboração de conceitos geométricos, utilizando como ferramenta a máquina fotográfica, e fazerem o uso da linguagem escrita nas aulas foi um desafio, sem dúvida. Sentimentos de medo, alegria, de certeza, incerteza e de responsabilidade se misturaram ininterruptamente. Para Najmanovich (2001, p. 35; grifo da autora),

Quando saímos do mundo positivista, as coisas deixam de ser objetos puros do mundo (físico e lógico) para ser “objetos da experiência”, não de experiência lógica abstrata, mas de uma experiência humana, de interação contextualizada, traspassada por nossa peculiar corporalidade, nossa linguagem, nossa cultura, nossa emoção.

A foto realizada pela aluna Nayara (Figura 1), com a tarefa de justificar a escolha, remeteu-nos ao espaço-fronteira.

Figura 1 – Espaço externo



Registro da estudante Nayara; 8 abr. 2009.

A aluna, no seu registro, escreveu: “Também pegou a natureza a bagunça do tio Gi que trabalha na escola” (r.a.⁶, 16 abr. 2009).

Ao observar a foto, percebe-se que se trata da área externa da escola. Nos arredores da escola e ao fundo aparece uma extensa área verde, e o que mais nos inquietou foi também a presença, ao fundo, da reforma da quadra e, no lado direito, o barracão improvisado pela zeladoria para guardar ferramentas. Vale destacar que na maioria das fotos realizadas do espaço externo da escola, a presença da quadra foi recorrente.

Estabelecendo uma aproximação com o contexto do movimento de produção das pesquisas acadêmicas, os pesquisadores também devem estar sempre num processo de “(re)significação”, ou seja, de construção e reconstrução de seus escritos, tendo claro que se trata de um *continuum* de provisoriiedades.

O barracão fotografado pela aluna metaforicamente sugeriu-nos a ideia de tentar organizar um contingente de ideias não muito claras que florescem todo momento durante o trabalho docente. Para Tardif e Lessard (2011, p.32),

Todo o trabalho humano consiste em manipular informações, construir uma representação do seu trabalho antes de e a fim de executá-lo. Todavia, os trabalhadores intelectuais não fazem mais que utilizar informações; essas constituem ao mesmo tempo o processo, a matéria e o resultado de seu trabalho.

⁶ Registro do aluno. Os textos dos alunos não foram editados.

Acrescento que, embora a foto mostrasse um dia ensolarado, a sombra refletida no chão remeteu-nos às incertezas presentes tanto em sala de aula quanto durante a pesquisa acadêmica. Na tentativa de aproximar o processo vivido pela professora-pesquisadora em sala de aula, trago o diário de campo⁷.

De acordo com os apontamentos do diário de campo da professora-pesquisadora, correr riscos se insere na ideia do incerto, da imprevisibilidade, ou melhor, explicitando, do arriscar-se, mas sem saber qual será o resultado.

Curiosamente, outra foto, produzida pela aluna Franciele (Figura 2), realizada com a mesma orientação de justificar a escolha da cena, possibilitou-nos muitas indagações.

Figura 2 – Sala de leitura



Registro da estudante Franciele; 7 abr. 2009.

Trata-se da sala de leitura da escola, que possui um grande acervo de livros de vários gêneros textuais, no entanto, não é possível que os alunos a utilizem, em decorrência de seu tamanho. A solução encontrada pela equipe gestora foi a construção de carrinhos móveis que carregam os livros, a fim de que circulem na escola e os alunos possam utilizá-los.

A aluna, ao justificar a sua escolha, escreveu: “Por fim escolhi essa foto por que toda criança merece ler e aprender brincando e lendo” (r.a., 16 abr. 2009). Estabelecendo uma conexão com a foto da sala de leitura, sabemos que os professores muitas vezes têm muitas dificuldades para gerir o tempo escolar e o quanto o processo de reflexão da prática e a

⁷ “Eu precisava buscar trilhar caminhos, arriscar, sentia medo, tinha muitas dúvidas e incertezas. Lembro-me de alguns debates no Mestrado e em uma das leituras de Borba sobre a zona de risco. Eu estava nela...”

formação do professor são essenciais. Para elucidar, trazemos o diário de campo.⁸ Outra foto também nos instigou bastante. Ela foi produzida pelo Grupo 2, cumprindo a tarefa de fotografar figuras planas.⁹

Figura 3 – Figuras planas



Estudantes do grupo 2; 20 out. 2009.

Nessa tarefa, o grupo produziu o seguinte registro durante a aula de Geometria: “A figura 2 é um corpo redondo, mas nós queremos dizer o mais importante que tem 2 bases circular” (r.a.; 29 out.2009).

A foto produzida e o registro mostraram como o grupo trouxe indícios de elaboração conceitual, já que a proposta se centrava no reconhecimento de figuras planas. Embora o grupo tenha fotografado um corpo redondo, a ênfase dada foi para a base, ou seja, o círculo, conforme a frase: “... mas nós queremos dizer o mais importante que tem 2 bases circular”.

Conforme aponta a fotografia, o relógio marcava próximo das 12 horas. Esse relógio está instalado na parede externa da cozinha, mais precisamente de frente para o pátio da escola, local em que é servida a merenda aos alunos. Acredito que ele é um sinalizador do tempo para todos, ou seja, tanto para os profissionais da escola que trabalham nos quadros de apoio quanto para os professores e alunos no momento do recreio. Para Escolano (2001, p. 43-44),

[...] o relógio incorporado ao edifício-escola é um organizador da vida da comunidade e também da vida da infância. Ele marca as horas de entrada na escola e de saída dela, os tempos de recreio e todos os momentos da vida da

⁸ “Preciso retomar todos esses textos assim que puder... Por que os alunos têm dado tanta atenção? Aprenderam a escutar, envolvem-se. Mas o tempo nos escapa... A sala de aula é um campo cheio de oportunidades tanto para alunos quanto para os professores.”

⁹ Na maioria das tarefas, os alunos trabalhavam em grupos. Os grupos foram enumerados para organização dos registros.

instituição. A ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização acadêmica e para pautar as coordenadas básicas das primeiras aprendizagens.

Para a professora-pesquisadora, tal horário revelou também a proximidade do horário de saída dos alunos, e isso pode ter várias conotações. Detenho a atenção para o tempo de aprendizagem dos alunos que parece escorrer pelas mãos, em virtude das demandas de que temos que dar conta em sala de aula. Para Tardif e Lessard (2011, p. 75),

O tempo escolar é constituído, inicialmente, por um continuum objetivo, mensurável, quantificável, administrável. Mas, em seguida, ele é repartido, planejado, ritmado de acordo com avaliações, ciclos regulares, repetitivos. Essa estruturação temporal da organização escolar é extremamente exigente para os professores, pois ela puxa constantemente para a frente, obrigando-os a seguir esse ciclo coletivo e abstrato que não depende nem da rapidez nem da lentidão do aprendizado dos alunos.

Os fragmentos dos diários de campo apresentados nas notas de rodapé e as análises no decorrer do texto, em virtude dos registros fotográficos e escritos dos alunos, contribuíram para pensar a complexidade do trabalho docente.

Sabe-se que romper com nossa trajetória formativa baseada em grande parte no ensino tradicional não é uma tarefa fácil; no entanto, é necessário correr o risco para tentar atravessar, ou aproximar-se da fronteira imposta pelo tempo, pelo cansaço, na superação de limites e, sobretudo, sustentar a efervescência da pesquisa acadêmica.

Desta forma, esse ponto de partida tecido durante a realização do trabalho e posteriormente na possibilidade de revê-lo aproximou-nos dos estudos de Najmanovich (2001). Acredito que nos tornamos nesse processo como “sujeitos encarnados”. Para essa autora:

Enfim, como todos os sujeitos encarnados, nossas categorias se desenvolvem na trama evolutiva de nossa vida, estão inseparavelmente ligadas à nossa experiência social e pessoal, às tecnologias cognitivas, sociais, físico-químicas, biológicas e comunicacionais com as quais convivemos. O desafio da contemporaneidade se relaciona com a riqueza de perspectivas e, por outro lado, de mundos possíveis onde conviver, mas também exige nos fazer responsáveis pelo lugar em que escolhemos fazê-lo. O sujeito encarnado desfruta do poder e da criatividade e da escolha, mas deve assumir o mundo que co-criou. (p. 28-29).

Reportando-nos à sala de aula, muitas vezes não conseguimos manter o que havíamos planejado, pois o movimento da sala de aula é imprevisível, conforme apontam Tardif e Lessard (2011, p. 43):

Ensinar, de certa maneira, é sempre fazer algo diferente daquilo que estava previsto pelos regulamentos, pelo programa, pelo planejamento, pela lição,

etc. Enfim, é agir dentro de um ambiente complexo e, por isso, impossível de controlar inteiramente, pois, simultaneamente, são várias coisas que se produzem em diferentes níveis da realidade: físico, biológico, psicológico, simbólico, individual e social, etc. Nunca se pode controlar perfeitamente uma classe na medida em que a interação em andamento com os alunos é portadora de acontecimentos e intenções que surgem da atividade ela mesma.

Neste sentido, o trabalho docente está permeado por muitas interfaces nas quais muitas delas são da ordem da imprevisibilidade; isso se deve ao fato de que o trabalho do professor requer em tempo integral a interação.

Com outros óculos... algumas conclusões!

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Escolhi este trecho da poesia *José*, de Carlos Drummond de Andrade, para fazer as conclusões e, intencionalmente, mais uma vez a ideia central é provocar outras indagações. O poema foi escrito num importante momento político brasileiro, durante o Estado Novo, em que Drummond de forma irreverente produz “versos soltos”, mas na tentativa de trazer à tona uma reflexão profunda do momento histórico vivido pelos brasileiros.

São muitos os professores que se encontram com o desafio da tarefa de ensinar, no entanto, possivelmente o trabalho mais brilhante sem saudosismo, pois o recurso material do trabalho docente é o ser humano, como disse Charles Chaplin no filme *O Grande Ditador* (1940): “Não sois máquinas! Homens é que sois!”

Desta forma, concebo que as nossas análises foram mediadas certamente pela visão ampliada do que é ser professora e da natureza investigativa do ato de pesquisar, que deve estar permeado pela continuidade dos estudos e reflexões.

Todo trabalho acadêmico deve trazer as respostas para aquilo que se pretendia investigar, no entanto, deve provocar e inquietar para a busca da produção de novos conhecimentos, e esse foi o propósito central deste texto.

Revisitar a caixa preta da prática docente e da pesquisa é tarefa indissociável neste processo. Propiciar rupturas, fissuras, escavar brechas e abrir as cicatrizes são tarefas que

demandam ora o pesquisador ora a professora na chamada “linha de frente”, e sabe-se que muitos deles às vezes optam por fugir dela.

Neste sentido, a retomada do texto da dissertação, especialmente do recorte em que a docência e a pesquisa foram postas em evidência, possibilita novamente sair da zona de conforto. Trata-se de uma espécie de repensar, revitalizar, remexer, reconfigurar, “ver com outros óculos” e reavivar um conhecimento que pode gerar um “novo” ou quem sabe um repensar o “velho” dilema que é o trabalho docente.

Reitero que, ao trazer essas espacialidades, buscamos dar vozes aos alunos e, acima de tudo, escutá-los para que eles pudessem, por meio das fotografias produzidas, expressar suas ideias, propiciar a movimentação do pensamento e do corpo, possibilitando aos alunos saírem da sala de aula, rompendo com os paradigmas do tecnicismo e da disciplinarização e possibilitando a leitura e a escrita sobre esse espaço e, conseqüentemente, a busca por significados.

Para a professora-pesquisadora, todas essas contribuições permitiram pensar sobre como a teoria pode contribuir na pesquisa acadêmica e no trabalho docente. A teoria ganha novos significados no momento da análise. Isso evidencia a importância da pesquisa do professor, pois é nos momentos em que este se debruça sobre os registros produzidos – por ele e pelos alunos – em busca de análises que a teoria ganha significado e possibilita novos olhares para a prática.

Viver no espaço-fronteira é viver momentos de tensão na duplicidade de papéis de professora e pesquisadora, e agora a possibilidade de compreender a complexidade do trabalho docente, isto é, da professora que tem um currículo a cumprir, as normas disciplinares, as relações tensionais entre os diferentes atores do cotidiano escolar e o compromisso ético com a aprendizagem dos alunos, em paralelo à atuação como pesquisadora, que precisa garantir a documentação da pesquisa, sem que essa atividade afete o compromisso da docência.

Por outro lado, essa fronteira tênue entre a docência e a pesquisa possibilita que a professora se desenvolva na sua ação docente, pois o estudo permanente e os novos olhares para a escola e seus atores contribuem para o seu processo de formação contínua.

Sem dúvida, o professor, ao assumir a postura de pesquisador, torna-se, na maioria das vezes, mais comprometido com o ensino e a aprendizagem dos alunos. Finalizo aqui e deixo o convite para novas releituras e, quem sabe, “outros óculos”!

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *José/ Novos Poemas/ Fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CLOT, Yves. *Trabalho e poder de agir*. Trad. Guilherme J. F. Teixeira e Marlene M. Z. Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. (Série Trabalho e sociedade).

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 19-57.

FANFANI, Emilio Tenti. Consideraciones sociológicas sobre profesionalización docente. *Educación & Sociedad*. Volume 28, n. 99, p. 335-353, maio/ago.2007.

FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educación e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GENTILI, Pablo. Três teses sobre a relação Trabalho e Educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 45-59.

MACHADO, Anna Rachel. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, A. M. N.; MACHADO, A. R. *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 77-97.

NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado: questões para a pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educacional e a re-estruturação do trabalho docente. *Educación & Sociedad*. Volume 28, n. 99, p. 355-375, maio/ago.2007.

SANTOS, Cleane Aparecida dos. *Fotografar, escrever e narrar: a elaboração conceitual em Geometria por alunos do quinto ano do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2011. 185 p.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2011.

**REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO MÉDIA E SUPERIOR NO BRASIL E A
IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS E TECNOLOGIAS PARA
O APRENDIZADO DE QUÍMICA**

Érica Pereira¹

Dicesar Correia²

Camila Molena de Assis³

Resumo

Neste trabalho procurou-se debater os problemas referentes ao processo ensino-aprendizagem no Brasil, enfatizando o perfil dos alunos egressos do ensino médio e ingressos no ensino superior, focalizando a disciplina de Química a partir das observações e metodologias utilizadas pelos professores de Química nos vários níveis de ensino, considerando se estão ou não de acordo com as novas tendências pedagógicas. Ainda, o trabalho objetivou enfatizar a utilização das novas tecnologias em contrapartida aos métodos tradicionais para a facilitação da memorização de conceitos abstratos, relacionando a Química ao cotidiano do aluno. Procurou também destacar a importância do treinamento e estímulo dos professores para que incentivem os alunos ao estudo da Química, a partir das novas concepções metodológicas que estão trazendo outros olhares sobre o ensino desta disciplina, para então se entender melhor o universo da educação.

Palavras-chave: Educação. Desenvolvimento de metodologias e tecnologias nos cursos superiores de Química.

Abstract

In this research paper we have tried to discuss the problems related to the teaching-learning process in Brazil, emphasizing the profile of former high school students and freshman college students, focusing the academic subject of Chemistry from observations and methodologies used by chemistry teachers in the various teaching levels, whether they are in accordance with the new pedagogical trends or not. Also, the paper aimed at emphasizing the use of new technologies in contrast to traditional methods for facilitating the memorization of abstract concepts, relating Chemistry with the student's everyday life. It also tried to highlight the importance of training and encouragement of teachers so that they encourage the students to study Chemistry from the new methodological approaches that are bringing other views on the teaching of Chemistry, in order to better understand the education universe.

Keywords: Education. Development of methodologies and technologies in College courses in Chemistry.

¹ Química (UNESP). Mestra e Doutora em Biotecnologia (USP). Professora na área de engenharia no Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Contato: emppiq@hotmail.com.

² Químico (UNIB). Pós-Graduado em Química (FOC). Professor na área de engenharia no Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Contato: dicesar@terra.com.br.

³ Química (UNESP). Mestra em Engenharia Mecânica (UNICAMP). Doutoranda em Engenharia Química (USP). Professora na área de engenharia no Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA). Contato: camila.molena@anchieta.br.

Introdução

O investimento em educação pode ser um dos pilares para a resolução dos problemas sociais, seguido da qualidade e melhoria na formação dos professores, por serem o elo na formação e desenvolvimento dos alunos. Atualmente, verifica-se que as instituições de ensino são regidas por políticas públicas, que não acompanham as evoluções sociais e tecnológicas, e quando fazem mudanças, essas ocorrem de forma tardia ou ainda oportunista. O atraso no processo do desenvolvimento e implantação de novas metodologias e tecnologias tem sido um dos motivos pelo qual tem se culpado os profissionais da educação, principalmente os professores, esses por serem a esperança de muitas comunidades, que buscam mudanças sociais e políticas, principalmente no que se refere às crises atuais relacionadas à educação.

Quando o assunto é educação, não basta suprir as escolas com computadores, livros e outros materiais pedagógicos de apoio e simplesmente aguardar por um aumento da qualidade do ensino, sem que se crie um sistema de qualificação adequado ao corpo docente, a partir de uma formação continuada, seguido de salários adequados, proporcionando uma qualidade global. Em outras palavras, o desenvolvimento e as mudanças na educação só ocorrerão nas instituições de ensino quando se abandonar a ideia de que são as atitudes dos professores que determinam a aprendizagem dos alunos.

O objetivo deste trabalho é apresentar alternativas para a melhoria da qualidade do ensino, nas várias áreas de conhecimento e em especial da Química, buscando abordar assuntos fundamentais, como a formação dos professores, a criação de metodologias e a aplicação de tecnologias, abordando a importância da utilização dos laboratórios de Química, a fim de trazer para a educação uma visão acadêmica atual e de mercado de trabalho. O enfoque será discutir a educação, favorecendo o aprendizado e a memorização dos conhecimentos da Química, destacando os métodos de aprendizado e de avaliação, a aplicação das tecnologias de comunicação e informação (TICs), favorecendo as discussões e o desenvolvimento cognitivo.

Evolução da educação no Brasil

Para entendermos melhor o desenvolvimento da educação no Brasil, temos que conhecer melhor a nossa história, desde a implantação das primeiras escolas pelos jesuítas até sua transferência para o estado, além do perfil de alunos e professores, para que possamos entender melhor o perfil do nosso sistema de ensino.

A educação no Brasil Colônia

No período colonial, a sociedade brasileira era basicamente formada por grandes latifundiários, aristocratas e escravos, cuja economia girava em torno de um sistema agrícola rudimentar. Assim, a educação resultante dessa sociedade voltou-se basicamente ao humanismo e à espiritualidade. Os primeiros educadores que aqui chegaram eram da Companhia de Jesus, uma ordem religiosa fundada por estudantes parisienses cujos membros eram conhecidos como Jesuítas. O objetivo principal desses religiosos era recrutar fiéis e servidores, a partir de uma educação elementar baseada na catequese dos índios e que posteriormente foi estendida aos filhos dos colonos.

Nesse período, a educação média era um privilégio somente oferecido aos homens da classe dominante e a seus filhos primogênitos, que seriam herdeiros diretos e que posteriormente cuidariam dos negócios do pai.

As únicas pessoas que tinham acesso à educação superior eram os filhos dos aristocratas, que quando se formavam por aqui, acabavam por ingressar na classe sacerdotal, enquanto aqueles que eram enviados para estudar na Universidade de Coimbra, quando voltavam da Europa para o Brasil, acabavam assumindo os cargos administrativos mais importantes. Quanto ao restante da população na colônia, esses eram excluídos, ou seja, não tinham nenhum acesso à educação.

As primeiras reformas feitas na educação brasileira ocorreram por volta da primeira metade do século XVIII, quando o estado tirou o poder educacional da Igreja. Nesse momento, já puderam ser observadas as primeiras quedas do nível de ensino, deixando claro que a educação administrada pelo poder público já era voltada para o Estado e seus interesses (RIBEIRO, 1993).

As primeiras mudanças relevantes na educação e cultura vieram com a presença de D. João VI no Brasil, com a criação dos primeiros cursos de ensino superior não teológicos. Porém, a grande evolução no ensino secundário só se deu no século XIX, pela pressão da classe dominante, que queria que os alunos formados fossem preparados para o ingresso na escola superior. As propostas para inclusão das disciplinas científicas só vieram nos primeiros anos da República, visando à inovação da educação, mas, de concreto, só houve uma ampliação do ensino secundário da rede particular financiado pela elite governante, que buscava boas escolas para os seus filhos, com a finalidade de atingirem o nível superior. Enquanto isso, no ensino público foi constatada uma diminuição das matrículas, já que não havia interesse do governo na formação de letrados, em uma comunidade predominantemente agrícola, ou seja, só a elite dominante necessitava ser letrada.

No século XX, com o declínio das oligarquias pela crise do modelo agrário, houve o fortalecimento da burguesia, e com isso surgiu a ideia da criação de um movimento conhecido como a Escola Nova, defensora de um ensino universal, gratuito e obrigatório.

Desde a década de 1920 até a década de 1960, houve muitos retrocessos e evoluções na educação, mas foi a partir dessa última que determinados setores da sociedade se voltaram para a educação popular, surgindo então os chamados “Movimentos de Educação Popular”. Nessa mesma ocasião, também surgiram vários problemas políticos devido ao grande número de alunos excedentes que tinham direito a matrícula nos cursos superiores, por terem sido aprovados nos vestibulares, e que não encontravam vagas suficientes, já que os vestibulares ainda não eram classificatórios como hoje. Mas também foi nesse momento que a classe média percebeu que a educação era o único caminho que lhe asseguraria a ascensão social, principalmente pela chegada das grandes empresas multinacionais (RIBEIRO, 1993).

A história tem mostrado que desde o início do período colonial brasileiro, a educação foi aplicada por conveniência, seja pela imposição cultural na catequização indígena, ou ainda pela preparação de determinada camada social, em detrimento das outras camadas da sociedade, e por interesses políticos, sempre excluindo parte da população.

Ainda hoje a educação no Brasil é um privilégio para poucos, formada principalmente por pessoas com maior poder aquisitivo, que frequentam as melhores escolas de ensino médio e superior, enquanto parte da população mais pobre só chega à universidade a partir das faculdades privadas em cursos noturnos, e normalmente são trabalhadores egressos do ensino médio da rede pública de ensino, cuja qualidade tem sido muito questionada. Por isso é esperado que esses alunos ingressantes no ensino superior apresentem grande deficiência de pré-requisitos mínimos de conhecimento básico.

Contexto da educação superior no Brasil

A educação superior brasileira vive um momento muito importante, no que se refere ao grande volume de investimento financeiro pelo governo federal, nas instituições públicas e particulares e por todo país, porém essa expansão das universidades tem sido muito pouco expressiva e democratizada. Esse alerta vem sendo sentido nas relações do projeto pedagógico das instituições com as reais necessidades dos jovens e do mercado de trabalho. Além do mais, esse processo expansivo tem procurado acompanhar as mudanças do perfil da população que está sendo atendido, e isso tem levado a construção de novas metodologias alternativas para o atendimento dessa demanda.

Estudos realizados pelo MEC/Censo INEP (Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) mostrou uma grande expansão das matrículas tanto nas instituições de educação pública quanto nas instituições privadas em todo o país. A Tabela 1, abaixo, mostra o estudo realizado pelo MEC/Censo INEP 2005 sobre a evolução das matrículas no Brasil, entre os anos de 1933 a 2004, nas instituições de educação pública e privada.

Tabela 1 – Expansão das matrículas por modalidade de instituição segundo o MEC/Censo INEP 2005

Ano	Setor Público (vagas)	Setor Público (%)	Setor Privado (vagas)	Setor Privado (%)	Total de Vagas
1933	18.986	56,3	14.737	43,7	33.723
1945	21.307	51,6	19.969	48,4	41.275
1965	182.696	56,2	142.386	43,8	325.082
1985	556.680	40,7	810.929	59,3	1.367.609
2004	1.178.328	28,3	2.985.405	71,1	4.163.733

Fonte: Franco, 2008.

Os números apresentados na Tabela 1 mostram um grande crescimento no número de matrículas em todo o país. Apesar desse fortalecimento das instituições superiores, poucas foram aquelas que de fato se envolveram com o desenvolvimento das pesquisas, já que, na maioria, pouco ou nenhum trabalho desenvolveu-se nessa área.

Não se pode negar que é positivo o aumento dos cursos nas instituições superiores por todo o país, já que esse é um dos fatores responsáveis pela inclusão de muitos alunos nas universidades. Todo esse trabalho liberal da educação tem sido apoiado por vários programas governamentais, entre os quais o PROUNI (Programa Universidade para Todos), o FIES (Programa de Financiamento Estudantil), o ENEN (Exame Nacional do Ensino Médio) e o SISU (Sistema de Seleção Unificada). Entretanto, apesar de assertiva a implantação de programas educacionais, nota-se que essa democratização vem ocorrendo de forma desorganizada, principalmente nas instituições privadas de ensino, que acabam por fracionar os recursos destinados aos cursos já existentes para a criação de novos e, assim, disputar alunos com suas concorrentes, criando cursos com baixa qualidade e resultados duvidosos.

A Tabela 2 mostra o levantamento estatístico do INEP (2006) sobre a expansão desorganizada dos cursos superiores oferecidos no Brasil no ano de 2006.

Tabela 2 – Número de instituições de educação superior por organização acadêmica e categoria – Dados de levantamento INEP/2006

	Unidade da Federação Categoria Administrativa	Total Geral	Universidades	Centros Universitários	Faculdades Integradas	Faculdades, Escolas e Institutos	Centro Tecnológico e Faculdade de Tecnologia
		Total 2.270	Total 178	Total 119	Total 116	Total 1.649	Total 208
Pública	Municipal	60	5	4	4	47	-
	Federal	105	53	-	-	5	47
	Estadual	83	34	-	-	30	19
	Total	248	92	4	4	82	66
Privada	Particular	1.583	24	63	92	1.268	136
	Comunitário/ Confessional/ Filantrópica	439	62	52	20	299	6
	Total	2.022	86	115	112	1.567	142

Fonte: Franco, 2008.

Nas últimas décadas, além da falta de qualidade, outro fator que vem dificultando o desenvolvimento da educação superior no Brasil é a desigualdade nos investimentos e nos custos educacionais. O Brasil investe dez vezes mais no ensino superior em comparação com o ensino médio; em países como os Estados Unidos, o valor gasto é 2,5 vezes maior e na França é praticamente igual para as mesmas etapas (FRANCO, 2008). Assim, faz-se a urgência de uma correção das desigualdades nesses níveis, para a diminuição das discrepâncias de investimento. Porém, para ampliar o investimento no ensino básico, deve-se levar em conta que esse aumento de recursos tem de estar associado a uma mudança do padrão de gestão das escolas.

É cada vez mais nítido que uma das consequências da expansão das escolas privadas de ensino superior no Brasil é o aumento da sua autonomia, no que se refere à organização dos seus projetos pedagógicos e do seu plano de desenvolvimento. Em decorrência disso, verifica-se um aumento de instituições superiores, nas quais o quadro de professores é vinculado à docência por contratos salariais baseados em horas-aula, o que tem gerado um efeito de fragilização do desenvolvimento da pesquisa e queda da produtividade acadêmica, causando assim uma grande desvalorização da docência.

Entre os avanços e contradições da educação superior, o perfil dos alunos tem mudado muito. Segundo Franco (2008), a expansão embalada do ensino superior nos últimos 20 anos teve um aumento expressivo de matrículas, girando em torno de 140% no período de 1997 a 2006. Esse aumento de matriculados é consequência dos alunos egressos do ensino médio,

cujo contingente foi reprimido por décadas, e que vieram praticamente de uma só vez para as escolas superiores, especialmente para as instituições privadas, já que as vagas das escolas públicas superiores não atendiam toda essa demanda. A Tabela 3 mostra os dados coletados pelo INEP sobre os índices dos alunos egressos do ensino médio e ingressantes no ensino superior de 1980 a 2002.

Tabela 3 – Ingressantes do ensino médio (EM) para o ensino superior (ES) – Coletado pelo INEP

Ano	Concluintes do Ensino Médio	Ingressantes no Ensino Superior	Varição (%)
1980	541.000	356.93	65,93
1991	659.000	426.558	64,73
1997	1.266.000	527.959	41,70
2002	1.855.419	1.036.690	55,87

Fonte: Franco, 2008.

Os investimentos na educação superior têm tornado possível a permanência e a formação de muitos alunos, mas para que isso fosse possível abandonou-se a qualidade pela quantidade, ou seja, tem aumentado o número de alunos formados, mas sem a preocupação com a sua qualidade. Assim, muitos alunos passaram a enxergar as instituições superiores como uma maneira de ascensão profissional, e, em consequência disso, houve a queda do interesse no aprendizado, deixando de ser um pilar importante na formação dos futuros profissionais.

Considerando o perfil pedagógico dos alunos ingressantes no ensino superior em 2006, o INEP demonstrou que o desempenho dos alunos egressos do ensino médio é deficitário e necessita urgentemente de melhorias de desempenho no que se refere às expectativas de aprendizagem. Os alunos concluintes do nível médio não demonstram o domínio satisfatório dos conteúdos elementares da escola básica e de competências fundamentais para o prosseguimento na evolução nos estudos, nem fluência de escrita e produção de textos. Esse fato pode ser comprovado através do dia a dia, principalmente em relação aos alunos egressos da rede pública, mas isso não difere muito daqueles alunos provindos da rede privada de ensino (FRANCO, 2008).

A Tabela 4 indica alguns dados sobre a ampliação da pirâmide de acesso, a conclusão da escola básica e o fortalecimento do ingresso no ensino superior.

Tabela 4 – Evolução das matrículas por nível de ensino (em mil)

Nível/Ano	1970	1985	1998	2004
Fundamental	15.895	24.770	35.793	34.012
Médio	1.119	3.016	6.969	9.169
Superior	425	1.368	2.126	4.164

Fonte: Franco, 2008.

Segundo o IBGE (2014), entre os períodos de 2004 a 2013, houve um salto na educação brasileira, principalmente entre as pessoas acima de 25 anos, cuja escolaridade média aumentou de 6,4 para 7,7 anos de estudo. Nesse período também aumentou a proporção de pessoas de 25 a 34 anos que ingressaram no ensino superior, passando de 8,1% para 15,2%. Enfatizamos que os estudantes que fazem parte das classes com maiores rendimentos deixaram de ser a maioria, tanto nas universidades públicas quanto nas particulares, aumentando o acesso da classe mais pobre ao nível superior. Outro avanço numérico importante verificado nesse período deve-se à elevação da frequência escolar bruta dos jovens de 15 a 17 anos no ensino médio, que subiu de 44,2% para 55,2%, e conseqüentemente uma redução de 34,7% para 26,7% desses jovens no ensino fundamental, sinal de que mais pessoas estão na série em que deveriam estar matriculados.

Foi verificada também uma redução dos estudantes mais ricos nas redes de ensino; em 2004 eles eram 55% dos estudantes da rede pública e 68,9% da rede privada, porém, em 2013 esse número caiu para 38,8% e 43%, respectivamente. Todos esses resultados têm mostrado que estudantes com maior poder aquisitivo deixaram de ser a maioria nas universidades, melhorando o acesso da classe mais pobre. Dentre os vários fatores que têm sido responsáveis pelo acesso da população à educação estão os financiamentos do governo a partir dos programas sociais, como o FIES (Programa de Financiamento Estudantil), além das cotas para negros e alunos de escolas públicas. Apesar dos financiamentos estudantis para alunos de menor poder aquisitivo, os alunos ricos ainda hoje são a maioria nas instituições superiores, porque são mais bem preparados.

Um fator também observado entre os períodos 2004 e 2013 foi o surgimento de novo perfil de alunos com idade entre 25 e 34 anos, de classe média alta e que ainda são sustentados pelos pais, e por isso são conhecidos como “geração canguru”. Quanto ao perfil, são pessoas que possuem maior escolaridade do que a média da população, já que são jovens que terminam a graduação e vão diretamente para os cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, como Mestrado ou Doutorado, antes de irem para o mercado de trabalho (IBGE, 2014).

Apesar de todos os avanços na educação nesta última década, os resultados quantitativos da educação ainda têm colocado o Brasil nas últimas posições quando o requisito é a qualidade. Segundo a BBC Brasil (2014), em um estudo envolvendo 40 países, o Brasil foi um dos últimos colocados do ranking quando comparados os resultados das provas de matemática, ciência e leitura. Nesse ranking também foram verificados os índices das taxas de alfabetização e aprovação escolar. O relatório apresentado pela empresa de sistemas de aprendizado Pearson e pela consultoria britânica Economist Intelligence Unit foi baseado nos testes aplicados pelo PISA (The Programme for International Student Assessment), cujo objetivo é a avaliação internacional dos sistemas de educação em todo o mundo. Procurou-se testar as habilidades e conhecimentos dos estudantes de 15 anos de idade pelo TIMSS (Trends in International Mathematics and Science Study), que é uma prova de Matemática e outra de Ciência, aplicada mundialmente pela entidade independente IEA (Instituto de Economia Agrícola), e pelo PIRLS (Progress in International Reading Literacy Study) e outra prova da IEA, desta vez sobre leitura, que é aplicada aos alunos da quarta série ou equivalente. Nesse estudo, foram levadas em consideração as variáveis de capacidade cognitiva resultante da comparação com alunos de outros países, além do sucesso escolar, como os índices de alfabetização e aprovação. Esse estudo mostrou que, apesar de uma tímida evolução, o Brasil ainda aparece na 38ª posição, ou seja, está entre os cinco piores no ranking de educação, ao lado de países como Colômbia, Argentina, México e Indonésia. É importante resaltar que a Finlândia e países asiáticos, como Coreia do Sul, Japão, Cingapura, além de Hong Kong, estão entre os melhores quando o assunto é a educação.

Os resultados negativos obtidos pelo Brasil têm levado muitos estudiosos a questionar a incapacidade do sistema atual de educação de sustentar índices de crescimento do país em longo prazo.

Principais metas do governo para o Plano Nacional da Educação (PNE)

O Plano Nacional de Educação está previsto na Constituição Federal, e sua vigência abrange o período de uma década. O PNE em vigor abrange a década 2014-2024. A partir do momento em que o PNE entra em vigor, todos os planos estaduais e municipais de educação deverão ser criados ou adaptados em conformidade com as diretrizes e metas estabelecidas por ele. Vale lembrar que o plano em vigor é polêmico, porque visa aplicar na educação uma parte percentual do PIB do país, outra referente aos royalties do petróleo, além de recursos do pré-sal. Contudo, ainda não se tem definido qual o volume de recursos que será destinado à educação pública ou até mesmo se será suficiente para os investimentos em infraestrutura e

melhoria do salário dos professores, estratégias fundamentais para evolução da qualidade da educação.

Os problemas no ensino de Química

Um dos maiores problemas relacionados à aprendizagem da disciplina de Química é a sua complexidade e dificuldades de abstração de conceitos, além de que seu entendimento depende da interpretação de conceitos e da utilização de cálculos matemáticos e entendimento de símbolos e equações. Essa problemática tem sido um dos grandes desafios para os profissionais da educação, principalmente para professores de Química, já que muitos alunos rejeitam essa disciplina. Por isso, reconhecer e estudar os fatores responsáveis por essa rejeição é fundamental no desenvolvimento dessa disciplina.

Proposta para tornar o ensino de Química mais atraente

A Química é vista por grande parte dos alunos como uma das disciplinas mais abstratas e de difícil interpretação, porque envolve vários conceitos, fórmulas, cálculos matemáticos, tabelas, além da interpretação das reações químicas. Por isso, é fundamental que o professor se torne um mediador e facilitador na análise das informações abstratas, desmistificando-as.

Assim, para tornar o ensino de Química mais atraente e produtivo, é fundamental que ocorra uma mudança profunda na postura dos professores, principalmente no que se refere à abordagem dos conteúdos ministrados na disciplina. Porém, antes de qualquer mudança de abordagem na apresentação dos conteúdos, deve-se levar em consideração a capacitação e remuneração desses professores.

As aulas de Química podem ressurgir de forma mais atraente a partir de uma abordagem coerente, resultado de programas bem estruturados e metodologias adequadas, utilizando-se de recursos audiovisuais modernos, laboratórios equipados e materiais didáticos modernos e adequados. Porém, tem se tornado cada vez mais difícil constituir cursos bem estruturados, devido à queda na formação de professores. Estudos do Censo em 2010 mostram que o Brasil tem formado cada vez menos professores em todas as áreas, principalmente nos cursos de Química. Assim, uma média de 300 mil pessoas acabam ministrando aulas diferentes da sua formação acadêmica (SILVA, 2011).

Um bom início para o tratamento dos conteúdos na disciplina de Química é abordar assuntos envolventes, cuja problematização se relacione ao cotidiano do aluno, conduzindo-o a discussões e debates. Dentre os assuntos que poderiam ser abordados, estão os relacionados

ao ambiente em que vivemos, como o desenvolvimento de fontes sustentáveis de energia, combustíveis alternativos, tratamento de água e esgoto, estudos do pré-sal.

Uma reflexão sobre os sistemas de avaliação

Atualmente, além da falta de organização nas políticas públicas de ensino, outros fatores também têm interferido na formação dos alunos. Entre eles estão os sistemas de avaliação dos conteúdos, utilizados pelas escolas em todos os níveis e que sempre foram utilizados como um termômetro do desempenho escolar dos alunos e professores, ou seja, sempre foram utilizados como a principal ferramenta na determinação do processo ensino-aprendizagem, que é o elo que mais aproxima professores, alunos e conseqüentemente suas famílias com a escola.

As avaliações, da forma com que têm sido utilizadas, são temas de constantes debates, quando o assunto está relacionado aos novos caminhos da educação, principalmente nesse momento histórico no qual o conhecimento sobre o mundo em que vivemos é fundamental na formação escolar. Os debates promovidos por estudiosos das várias áreas da educação sempre buscam questionar a utilização de métodos tradicionais e antigos, como as provas utilizadas como moeda de troca pela maioria dos professores, que se utilizam das notas e da realização das atividades para controlar e moldar os seus alunos. Por isso, existe a preocupação de alguns educadores em rever ou aprimorar urgentemente o atual sistema avaliativo de seus alunos, que normalmente são expostos a aulas longas e expositivas, sendo obrigados a decorar um grande número de informações, distantes da sua realidade.

Diariamente pode se perceber, a partir dos relatos nos corredores das instituições, que as disciplinas que mais apresentam reclamações dos alunos são aquelas associadas às ciências exatas. Esses relatos são mais evidentes nos períodos de provas, quando o aumento das reclamações é geral, principalmente em disciplinas como Química, Física e Matemática, ou seja, disciplinas que envolvem conhecimentos abstratos, reconhecimento de tabelas e cálculos objetivos.

O maior problema associado ao sistema de avaliação são os métodos que os alunos têm buscado na obtenção de sucesso nas notas dos exames. Entre os problemas mais comuns, estão as “colas”, as chantagens emocionais, a busca de atestados de saúde e de trabalho que visam burlar as datas e os prazos das avaliações. Esse grande número de desculpas gera um grande desgaste entre alunos e professores, sobretudo pelas tentativas dos alunos na negociação das notas. Portanto, as mudanças no sistema de avaliação tradicional para um

sistema mais moderno é iminente, já as propostas discutidas ainda são poucas e não aceitas pela maioria dos professores (BARROS FILHO; SILVA, 2000).

O que se tem observado hoje é que as formas de avaliação utilizadas nas escolas é um reflexo direto do modelo do ensino tradicional e ultrapassado, no qual o professor é quem detém o conhecimento, enquanto os alunos agem como simples ouvintes, e sua única função é a memorização dos conteúdos, e caso algum aluno não consiga assimilar as informações abordadas nas aulas, a ele é atribuída a falta de conhecimento, ou então não é suficientemente inteligente para assimilar determinados conteúdos. Assim, é de se esperar um sentimento de fracasso pelo aluno, seguido do desinteresse pela escola.

Essa dificuldade nas relações entre os professores e alunos tem se acentuado a cada dia, principalmente a partir da massificação da educação que permitiu o acesso a todos, criando salas de aula superlotadas e de difícil controle, além de serem formadas por alunos com realidades e experiências diferentes. Vale lembrar que essas diferenças é que determinam o desenvolvimento cognitivo dos alunos, mas isso é pouco percebido nas escolas onde os alunos têm maior poder aquisitivo e por isso a diferença entre os alunos é menos percebida.

Diante de tantas realidades observadas, é consenso geral que o atual sistema de avaliação tem contribuído muito pouco para o aprendizado dos alunos, e, portanto, a criação de uma nova escola se torna cada vez mais evidente. Assim, é necessário cada vez mais experimentar e aprimorar as novas metodologias e tecnologias que estão disponíveis, isso somado ao treinamento e à valorização dos professores dos cursos de licenciatura, criando-se planos de carreira para o magistério e abandonando-se os modismos e o interesse dos governantes. Além disso, não adianta promover ações inovadoras e práticas isoladas, que, por mais bem elaboradas que sejam, são levadas ao fracasso pela falta de apoio.

A carência e o desinteresse dos professores na carreira do magistério, em especial nos cursos de Química

Quando se fala na carência de professores no Brasil, devemos analisar a situação e a dificuldade na formação desses profissionais. Assim, ao estudar a formação dos professores nos cursos de Licenciatura em Química no Estado de São Paulo, podemos ter uma ideia de como anda a formação desses profissionais por todo o país.

É perceptível que estudantes dos cursos de licenciatura em Química apresentam certa insegurança na hora de elaborar aulas mais dinâmicas, apesar de já existirem metodologias modernas que poderiam ser aplicadas, mas que pela falta de divulgação não chegam às salas

de aulas das universidades. Como o debate sobre novas metodologias e estratégias não existe no meio acadêmico, futuros professores não se sentem habilitados a traduzir os conceitos trabalhados de forma mais compreensível a seus alunos.

Em pesquisa feita com alunos entrevistados para o curso de mestrado, observou-se o quanto é difícil abandonarem as metodologias tradicionais de ensino, por acreditarem que novas abordagens não são possíveis nos cursos de Química ou outros cursos de baixa compreensão numa sala de aula real, com 40 alunos em média. Essa dificuldade que os licenciados entrevistados apresentaram em lidar com as situações reais de sala de aula reforça ainda mais a necessidade dos cursos de licenciatura se reinventarem e buscarem alternativas, integrando novas metodologias e práticas tecnológicas, que desenvolvam a reflexão e o entendimento desses alunos e que passem a fazer parte dos trabalhos dos futuros alunos (KASSEBOEHMER; FERREIRA, 2007).

Importância das aulas práticas no aprendizado de Química

Alguns relatos de alunos em sala de aula destacam a importância e a dificuldade na realização das aulas práticas.

Vários assuntos foram debatidos, mas inicialmente comentou-se a importância do debate e troca de experiências ao final dos experimentos, principalmente no que se refere à aula prática realizada, ou seja, debater e verificar o aprendizado dos conceitos de Química utilizados, para que, na sequência, possam elaborar pensamentos autônomos e críticos, para assim formular seus próprios juízos de valor. Para isso, as aulas práticas deveriam fornecer subsídios que possibilitassem uma compreensão dos processos químicos e a construção dos conhecimentos científicos com uma estrita relação com as aplicações tecnológicas. Esses alunos também acharam importante relatar as dificuldades encontradas na realização das aulas práticas, como a falta de equipamentos, a falta de espaços físicos disponíveis e a falta de recursos financeiros na compra de equipamentos, materiais e reagentes (COSTA et al., 2005).

Segundo Ferreira, Hartwig e Oliveira (2010), as aulas práticas de laboratório de Química são de extrema importância, uma vez que elas são as grandes responsáveis pelo desenvolvimento da investigação de processos físicos e químicos, além de proporcionarem a manipulação de reagentes químicos. Essas técnicas experimentais, quando desenvolvidas, estimulam os alunos a estudarem conceitos procedimentais utilizados, as reações ou fenômenos envolvidos no processo. Em outras palavras, as aulas práticas têm como objetivo buscar recursos para o desenvolvimento dos alunos, na construção do conhecimento. Para que

isso ocorra, as aulas devem ser bem elaboradas, proporcionando ao aluno condições na construção de conhecimento.

Um caminho para o sucesso nas aulas práticas seria iniciar as aulas a partir de investigações, com pequenos grupos, tornando-as mais complexas com o passar do tempo, até que os alunos consigam propor resoluções aos problemas propostos nas experiências.

Durantes essas aulas práticas, todos os alunos devem aprender a formular hipóteses, a partir dos dados que julguem importantes, analisar resultados investigados, duvidar de certas informações, confrontar resultados e, ao final do experimento, realizar um relatório escrito com todos os dados observados.

Novas propostas para o ensino da Química e a utilização das TICs

Atualmente o mundo vem experimentando novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), cujo principal acesso tem ocorrido pela utilização da rede de computadores.

As escolas e universidades não são uma exceção no que se refere à adesão a essa tendência tecnológica. Porém, essa tendência tem dividido muitos educadores em posições diferentes quanto a sua utilização: os mais eufóricos, que veem essa tecnologia como se fosse o único caminho no combate ao ensino tradicional, e os mais tradicionais, que têm visto esse acesso demasiado aos computadores com certa preocupação.

Visão geral na aplicação das novas tecnologias interativas no ensino de Química

Segundo Ferreira (1998), algumas das questões relevantes à aplicação e utilização da tecnologia na educação devem ser bem mais discutidas. Em primeiro lugar, estudar a relação entre os professores e alunos quanto ao acesso à tecnologia, para a criação de escolas mais sofisticadas e sistemas educacionais mais eficientes. Em segundo lugar, desenvolver sistemas de suporte e a utilização de internet, a partir do estudo da confiabilidade dos materiais publicados nas redes e até que ponto essas novas tecnologias estão contribuindo para o processo ensino-aprendizagem e quais áreas estão sendo e podem ser beneficiadas.

Com as tecnologias cada vez mais presentes na educação, muitos educadores têm reavaliado seu trabalho. Muitos professores utilizam as tecnologias por acreditarem que esse acesso dos alunos é positivo, enquanto para outra parte dos professores essa revolução tecnológica não resolve todas as adversidades da educação, ou seja, não é ela quem resolverá a falta de estrutura, ou os problemas relacionados à falta de motivação dos alunos.

Também não se pode esquecer que não bastam professores motivados e orientados a abandonarem os métodos tradicionais de ensino e utilizarem novos conhecimentos tecnológicos em seus planos de ensino, sem que eles estejam convencidos de que os computadores e a Internet são apenas um material de apoio na preparação de aulas mais dinâmicas, que não irá substituir o papel do professor em sala de aula.

Não só professores, mas muitas instituições públicas e privadas ainda resistem à utilização da rede de computadores como apoio no aprendizado dos seus alunos e assim acabam por formar pessoas despreparadas para os desafios atuais do mercado. Por isso, se fizermos um estudo sobre o desenvolvimento tecnológico na educação, verificaremos que ela continua com passos lentos, principalmente no que se refere à falta de interesse dos gestores, apesar do alto gasto de manutenção da tecnologia já presente nessas instituições. Esse desinteresse pelas tecnologias atua contra a educação e faz com que ela retroceda aos métodos tradicionais.

Outro fator responsável pela lentidão da tecnologia nas universidades tem sido a diversidade intelectual dos alunos ingressantes, porque trazem consigo experiências culturais e condições sociais muito diferentes, por isso a dificuldade de serem tratados da mesma forma, o que se torna inviável. Assim, torna-se impossível a criação de um pacote tecnológico unificado que possa ser utilizados por todos. Isso prova que não basta colocar computadores nas salas de aula sem ter profissionais bem preparados para a orientação dos alunos quando necessário.

Apesar das dificuldades, nem todos os setores da educação caminham vagorosamente. Existem muitos relatos de sucesso na utilização das novas tecnologias, que têm sido responsáveis por impulsionar alguns cursos a distância que se utilizam da internet. Entre os cursos bem-sucedidos estão os de idiomas, informática e muitos cursos regulares, em que as pessoas podem se comunicar a distância.

Hoje, os principais favorecidos pela tecnologia são os cursos de ensino médio e superior, como graduação e pós-graduação, oferecidos a distância.

O sucesso dos cursos a distância pode ser creditado ao fato de que as pessoas que os fazem necessitam dos certificados de conclusão de curso e têm dificuldade de frequentar cursos presenciais, por incompatibilidade de horários, ou ainda são profissionais com formação superior e que necessitam de especialização nos cursos de pós-graduação.

Nem todos os cursos a distância apresentam sucesso em sua trajetória, principalmente os cursos desestruturados e mal geridos, que acabam formando alunos despreparados,

principalmente em cursos técnicos. Em consequência disso, acabam emitindo certificados que não são tão bem aceitos pelo mercado trabalho.

Pesquisas têm mostrado que a utilização dos computadores nas áreas da Ciência se iniciou por volta dos anos de 1990, e a sua utilização crescente tem ajudado na atualização de dados científicos, na divulgação de tabelas, na apresentação de dados estatísticos, na apresentação de mídias pela criação de demonstração de modelos atômicos, entre outras informações fundamentais para o desenvolvimento da disciplina de Química (FERREIRA, 1998).

O grande acesso aos computadores na busca de informações diversificadas tem convertido a Internet na ferramenta que mais tem avançado nas últimas décadas, atraindo principalmente o público mais jovem, que busca mais que informações atualizadas, mas também imagens, vídeos e livros virtuais. Essa facilidade de acesso às tecnologias é mais comum entre os adolescentes, que já nasceram com uma visão tecnológica do mundo. Porém, é importante lembrar que somente o acesso às tecnologias disponíveis não significa que haja uma evolução intelectual das pessoas, uma vez que muitas pessoas continuam analfabetas ou semianalfabetas, mesmo tendo acesso a celulares, computadores ou outras tecnologias disponíveis. Ao contrário dos adolescentes, as pessoas de mais idade costumam apresentar menor afinidade e maior dificuldade ao se adaptarem ao uso de computadores ou outras formas modernas de tecnologia, pois foram obrigadas a se acostumar com essa nova condição. Além da dificuldade de adaptação, acabam se esbarrando na falta de confiabilidade de muitas informações divulgadas nos sítios, o que de certa forma acaba desabonando esse método.

Outro dado importante quanto ao acesso à rede em busca de informações, principalmente na realização de trabalhos acadêmicos, é a frequência com que têm ocorrido os plágios de artigos científicos, trabalhos e conteúdos de livros já consagrados e outros materiais disponíveis na internet.

A Química é uma das disciplinas que mais tem avançado tecnologicamente por apresentar muitos materiais didáticos visuais, tabelas completas e modelos atômicos, artigos, e livros, entre outros materiais atraentes e disponíveis gratuitamente, quanto a sua acessibilidade.

Essa evolução acadêmica é o resultado dos vários sítios disponíveis e que podem ser acessados em qualquer local e a qualquer momento. Essa interatividade tem ajudado muitos professores de Química a desenvolverem melhor suas aulas, baseando-se em planos de ensino mais sofisticados, além de ajudar os alunos a entenderem melhor o comportamento de átomos

e moléculas, ou ainda conceitos mais complexos, a partir da desmistificação, e abstração de conteúdo.

O maior problema da acessibilidade de dados da internet é o excesso desorganizado dessas informações, o que tem sido uma grande desvantagem, pela fragmentação de informações que acabam se perdendo pela rede.

Conclusão

Com este trabalho, buscou-se entender melhor o perfil atual dos alunos egressos do ensino médio, e que estão ingressando atualmente nas universidades públicas e privadas em todo o país, principalmente no que se refere ao baixo nível cognitivo decorrido da falta de interesse dos alunos e ao alto nível de evasão escolar.

Assim, conclui-se que o quadro da educação brasileira necessita urgentemente de uma reforma séria no que se refere ao aprendizado, priorizando a qualidade de informações, a partir de programas sérios, sem interferências políticas. Para isso, sugere-se que sejam investidos recursos financeiros, valorizando os professores e investindo na sua formação, bem como fiscalizando de forma séria as instituições de ensino e os seus programas, criando currículo educacional que seja nacional, para a unificação dos conteúdos.

As áreas que mais têm sofrido com falta de interesse dos alunos são as áreas das Ciências Exatas, em especial a disciplina de Química, por possuir conteúdos complexos que necessitam de conhecimentos básicos sobre modelos atômicos, moléculas, tabelas e equações químicas, que acabam tornando a disciplina abstrata. Porém, se bem trabalhadas, podem surtir bons resultados de absorção de conteúdos e maior domínio da matéria. Assim, foram sugeridas neste trabalho propostas para o desenvolvimento da disciplina, principalmente a partir da utilização e desenvolvimento das novas tecnologias associadas à utilização dos laboratórios de Química, desde que essas aulas sejam bem ministradas por professores devidamente treinados.

Para se chegar às conclusões acima, foi necessário estudar e entender melhor o perfil e o comportamento dos nossos alunos, quanto ao seu desinteresse e aversão às disciplinas mais complexas, bem como o desinteresse desses alunos pelos cursos de magistério em todo o Brasil, e para isso procurou-se conhecer a história da evolução da educação brasileira desde a colonização do Brasil até os dias atuais, procurando os pontos positivos e negativos desse processo. Além dos privilégios das elites, foram discutidos outros aspectos, como os vários momentos das evoluções e recuos da educação, a dificuldade formação de professores e a valorização desses profissionais, o baixo nível dos alunos, provocado pela falta de

investimentos no ensino médio, o ranking da educação brasileira e o comportamento das instituições públicas e privadas.

Foi discutida também a falta de interesse dos alunos nas áreas das Ciências Exatas, em especial a disciplina de Química, no que se refere à abstração dos conteúdos, resultado da formação ruim da maioria dos alunos, principalmente das escolas de ensino público, métodos de avaliação inadequados, carência de professores e a má administração do estado, por não se apresentarem projetos bem definidos para a área, além da falta de acesso dos alunos às novas tecnologias, principalmente as redes de computadores e a falta de laboratórios de Química. Por esse motivo, buscou-se destacar as tecnologias, como elas poderiam auxiliar a educação nessas áreas de conhecimento, e a importância e necessidade de uma formação adequada de profissionais, para a orientação de utilização dessas técnicas.

Referências

BARROS FILHO, J.; SILVA, D. da. Algumas reflexões sobre a avaliação dos estudantes no ensino de Ciências. *Ciência & Ensino*, n. 9, p. 14-17, dez. 2000.

BRASIL se distancia de média mundial em ranking de educação. *BBC Brasil*, 8 maio 2014. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/05/140508_brasil_educacao_ranking_dg>. Acesso em: 12 nov. 2014.

COSTA, Thiago Santangelo; ORNELAS, Danielle Lanchares; GUIMARÃES, Pedro Ivo Canesso; MERÇON, Fábio. *Química Nova na Escola*, n. 22, nov. 2005. Relatos de Sala de Aula, p. 31-34.

FERREIRA, Luiz Henrique; HARTWIG, Dácio Rodney; OLIVEIRA, Ricardo Castro de. Ensino Experimental de Química: Uma Abordagem Investigativa Contextualizada. *Química Nova na Escola*, v. 32, n. 2, p. 101-106, maio 2010.

FERREIRA, Vítor F. As Tecnologias Interativas no Ensino. *Química Nova*, v. 21, n. 6, p. 780-786, nov./dez. 1998.

FRANCO, Alexandre de Paula. Ensino Superior no Brasil: cenário, avanços e contradições. *Jornal de Políticas Educacionais*: revista da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 2, n. 4, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *SIS 2014: Em nove anos, aumenta a escolaridade e o acesso ao ensino superior*. Comunicação Social do IBGE, 17 dez. 2014. Disponível em: <censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2014.

KASSEBOEHMER, Ana Cláudia; FERREIRA, Luiz Henrique. O espaço da prática de ensino e do estágio curricular nos cursos de formação de professores de Química das IES públicas paulistas. *Química Nova*, v. 31, n. 3, p. 694-699, 2008.

MARÇAL RIBEIRO, Paulo Rennes. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia*: revista da FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, fev./jul. 1993.

SILVA, Airton Marques da. Proposta para Tornar o Ensino de Química mais Atraente. *RQI-Revista de Química Industrial*, n. 731, p. 7-12, 2. trim. 2011.

A REELABORAÇÃO DA SEXUALIDADE NA LESÃO MEDULAR ADQUIRIDA

Lívia Márcia Batista de Andrade¹

Tálita Davi Ignaccolo²

Moisés Ravagnani Leme³

Resumo

A lesão medular é uma deficiência física que gera grande impacto biopsicossocial no indivíduo. O presente trabalho teve por objetivo analisar os aspectos concernentes à sexualidade em portadores da lesão medular adquirida. Trata-se de um trabalho de cunho descritivo-qualitativo, baseado no referencial teórico psicanalítico. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas. Participaram da pesquisa nove pessoas com lesão medular adquirida há no mínimo um ano, que vivenciaram a sexualidade antes de adquirir a lesão. Os resultados apontam que oito dos nove participantes reelaboraram a maneira de vivenciar a sexualidade, por meio da recuperação da autoestima, positividade da autoimagem e conhecimento sobre as possibilidades e limitações. Os resultados também apontam que o impacto sociocultural e a falta de conhecimento das possibilidades do deficiente, juntamente com a falta de uma orientação sexual focada no lesado medular, podem exercer uma influência negativa na retomada da vivência sexual.

Palavras-chave: Reabilitação sexual. Deficiência física. Psicanálise. Sexualidade. Gênero.

Abstract

The spinal cord injury is a physical deficiency that enables a huge biopsychosocial impact on the person. The present study aimed at analyzing the aspects concerning sexuality of carriers with acquired spinal cord injury. This is an investigative-qualitative research paper based on psychoanalytic theoretical framework. The data collection was made through semi-structured interviews. Nine persons, who have had the spinal injury for at least one year and had had sexual experiences before the injury, participated in the research. The results show that eight out of the nine participants reworked the way of living the sexuality, through the regaining of self-esteem, positivation of self-image and knowledge about the possibilities and limitations. The results also indicate that the socio-cultural impact and the lack of knowledge of the possibilities of the handicapped, together with the lack of a sexual orientation focused on the spinal injury, may carry out a negative influence on resumption of sexual experiences.

Keywords: Sexual Rehabilitation. Physical Disability. Psychoanalysis. Sexuality. Genre.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar aspectos concernentes à sexualidade na deficiência física por lesão medular adquirida, adotando para tal o referencial teórico psicanalítico.

¹ Mestra e Doutora em Psicologia. Professora do Centro Universitário Padre Anchieta.

² Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Padre Anchieta.

³ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Padre Anchieta.

Devido ao crescimento de episódios de violência urbana, como acidentes de trânsito e agressões por arma de fogo, o número de pessoas que enfrentam o sofrimento de adquirir uma deficiência é alarmante e crescente (CAVALCANTE; CARVALHO; BARBOSA & ROLIM, 2008). Uma pesquisa da Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação (2013) investigou as causas externas de internação em suas unidades de Brasília, Salvador, Belo Horizonte, São Luís e Fortaleza; verificou-se que 71,8% dos internados eram portadores de lesão medular (resultando em paraplegia em 69,7%); as causas apuradas da lesão medular foram diversas: 43,6% por acidente de trânsito, 29,6% por agressão por arma de fogo, 12,6% por queda, 7,5% por outras causas e 6,7% por mergulho.

Segundo as Diretrizes de Atenção à Pessoa com Lesão Medular, do Ministério da Saúde (2013):

Chamamos de lesão medular toda injúria às estruturas contidas no canal medular (medula, cone medular e cauda equina), podendo levar a alterações motoras, sensitivas, autonômicas e psicoafetivas. Estas alterações se manifestarão principalmente como paralisia ou paresia dos membros, alteração de tônus muscular, alteração dos reflexos superficiais e profundos, alteração ou perda das diferentes sensibilidades (tátil, dolorosa, de pressão, vibratória e proprioceptiva), perda de controle esfinteriano, disfunção sexual e alterações autonômicas como vasoplegia, alteração de sudorese, controle de temperatura corporal entre outras. (p. 6).

É possível observar que a lesão medular afeta todo o âmbito biopsicossocial do indivíduo, resultando não apenas na perda dos movimentos, mas também influencia nas capacidades sensitivas, no controle vasomotor, no controle intestinal e da bexiga.

A lesão medular pode ser de causa traumática (acidentes, violência, quedas, etc.) e não traumática (tumores, disfunções, etc.), e o impacto fisiológico é diretamente ligado à extensão da vértebra que foi lesionada (MAIA, 2012). O quadro clínico do lesionado depende de dois fatores, sendo eles o nível da lesão (que é determinado pelo segmento da medula que foi lesionado) e o grau da lesão. O grau pode ser completo, quando todas as estruturas são comprometidas, acarretando em uma ausência total da função sensitiva e motora, ou incompleto, quando apenas algumas estruturas foram lesionadas, acarretando numa preservação parcial da função sensitiva e motora. (BAASCH, 2008).

Cavalcante *et al.* (2008, p. 28) destacam que “[...] poucas lesões têm um potencial de gerar efeitos tão devastadores na vida e qualidade de vida como uma lesão na medula espinhal.”

Sexualidade e lesão medular

Carneiro *et al.* (2012), definem a sexualidade como:

Parte integrante da personalidade de cada ser humano, é um aspecto natural e precioso da vida, uma parte essencial e fundamental de nossa humanidade [...]. Não está restrita a impulsos biológicos e representa muito mais que procriação, afetando o ser humano em sua totalidade. Pela sexualidade passam toda a experiência e autoconsciência do indivíduo, ou seja, a pessoa percebe, sente, pensa e ama. (p. 30).

Sendo assim, o ato sexual genital é apenas uma das formas de expressão da sexualidade, não a única. Sexualidade é muito mais que isso, engloba a maneira como nos relacionamos conosco e com os outros, estando presente em todas as fases do desenvolvimento humano, independentemente de ser ou não pessoa com deficiência. (DIAS, 1997; FRANÇA; CHAVES, 2005; BAASCH, 2008; MAIA; RIBEIRO, 2010).

Tornar-se deficiente implica também ter sua sexualidade negada pela sociedade e por si mesmo (VASH, 1991 *apud* BARBOSA, 2003). A falta de informação e a ideia de que a sexualidade é genital sugerem uma imagem de seres assexuados; nossa cultura tende a negar as manifestações da sexualidade de pessoas com deficiência. (MAIA; RIBEIRO, 2010). Além disso, há padrões culturais de beleza e de desempenho que acabam por deixar à margem todo aquele que foge ao que é imposto; assim, os deficientes são vítimas diretas e indiretas, carregando a pesada carga sócio-histórico-cultural de serem incapazes e dignos de pena. (BRUNS, 2001 *apud* BARBOSA 2003; MAIA, 2009). A vergonha e a culpa por não estarem nesses padrões sociais geram um período de rejeição de si, trazendo sentimentos de inutilidade, de fracasso e de desvalia. (DIAS, 1997; SILVA; ALBERTINI, 2007).

Carneiro *et al.* (2012) destacam que a trajetória da atividade sexual após a lesão medular inclui um período de luto sexual, independentemente de ser homem ou mulher; esse luto não tem uma duração determinada, mas não deveria ultrapassar os seis meses, pois a sexualidade é importante e deve ser retomada. Alguns estudos apontam que é possível retomar a vivência da sexualidade de uma maneira prazerosa por meio do autoconhecimento, valorização de si, recuperação da autoestima, positividade da imagem corporal, superação das disfunções com técnicas, medicamentos, próteses e lubrificantes, conhecimento de posições sexuais e informação. (SILVA; ALBERTINI, 2006; CAVALCANTE *et al.*, 2008; CARNEIRO *et al.*, 2012).

A sexualidade do lesado medular não pode e não deve ficar negada por muito tempo, pois é primordial para o relacionamento do indivíduo consigo e com o mundo, ligada à maneira como ele percebe a si e aos outros. É neste sentido que este trabalho pode contribuir,

analisando e divulgando as implicações da lesão medular adquirida na sexualidade humana, investigando suas possíveis limitações e o possível reestabelecimento da sexualidade a partir da experiência de quem viveu essa situação.

Bases teórico-metodológicas

O referencial teórico psicanalítico servirá de base, no presente trabalho, para a questão da deficiência e sexualidade. O tema da sexualidade sempre foi presente na teoria psicanalítica; Freud (1905) descreveu as fases de desenvolvimento psicosexual, apresentando ao mundo que a sexualidade está presente em todas as fases do desenvolvimento humano, desde o nascimento até a morte, sendo a energia libidinal, os impulsos agressivos e sexuais, que movem os seres humanos. A sexualidade também estará presente no indivíduo que sofreu uma lesão medular, porém, é necessário que se entenda quais são as implicações desta lesão no funcionamento do aparelho psíquico do indivíduo para que haja uma compreensão de como funcionará a retomada da sexualidade na lesão medular adquirida.

O acidente, a perda do corpo saudável, gera um trauma; Freud (1920) descreve o trauma como:

[...] quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor [...]. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis [...]. (p. 40).

Sendo assim, o trauma é um acontecimento externo grande, que rompe o escudo protetor do aparelho psíquico e provoca grandes alterações no funcionamento do indivíduo, mobilizando vários mecanismos de defesa do ego. Como exemplo de um dos mecanismos de defesa do ego, é possível citar a negação; quando o indivíduo se vê lesionado, ele tende num primeiro momento a negar e a procurar outros diagnósticos (MAIA, 2009).

Eizirik, Aguiar, Schestatsky e colaboradores (2008) destacam que:

Em geral, os pacientes se tornam muito sensíveis a qualquer alteração no funcionamento do corpo [...]. Quando um paciente se sente aprisionado a um corpo incapaz, psicologicamente também se estabeleceu uma incapacidade, tornando-o temeroso de sair na rua ou mesmo de se afastar de parentes ou do telefone. Sua vida se torna um indefinido “esperar”. (p. 698).

Observa-se que as lesões orgânicas geram traumas e impactam diretamente em um sofrimento psicológico e sentimento de incapacidade. Porém, com a autoestima restabelecida,

o paciente obtém uma melhora, saindo desse estado de incapacitação psicológica. (EIZIRIK *et al.*, 2008).

É possível observar que a reestruturação da psique passa assim pelo conhecimento das limitações, pela forma que se percebe a reação das outras pessoas e por uma descoberta de uma nova convivência com o próprio corpo, tornando assim possível a redescoberta da sexualidade.

Método

Foram entrevistados nove participantes, sendo um do sexo feminino e oito do sexo masculino, com a faixa etária de 32 a 54 anos, com lesão medular adquirida há no mínimo doze meses, e que tiveram experiência sexual genital antes da aquisição da lesão.

As entrevistas foram realizadas em duas instituições de Jundiaí, interior de São Paulo, que realizam diferentes trabalhos com pessoas portadoras de lesão medular adquirida, sendo elas o CRJ (Centro de Reabilitação de Jundiaí) e o Centro Esportivo Aramis Pollis (Grupo de Basquete sobre Rodas).

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturada elaborado pelos pesquisadores, dividido em duas partes; na primeira parte, tratava-se da caracterização social e clínica do indivíduo; na segunda parte, tratava-se de perguntas que permitiam a análise das implicações da lesão medular na sexualidade e do restabelecimento da mesma.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Padre Anchieta; após aprovado, foi apresentada a proposta de trabalho às instituições e aos participantes, então solicitando que lessem e tirassem dúvidas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e após isso que assinassem o TCLE. Feito isso, os pesquisadores iniciaram as coletas de dados, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas em salas das próprias instituições. Os participantes foram indicados por funcionários das instituições.

A análise de resultados foi realizada da seguinte maneira: com base na teoria psicanalítica, foi realizada uma análise de discurso e categorização de respostas, por meio de uma análise qualitativa dos dados.

Resultados e discussão

Dados demográficos e clínicos

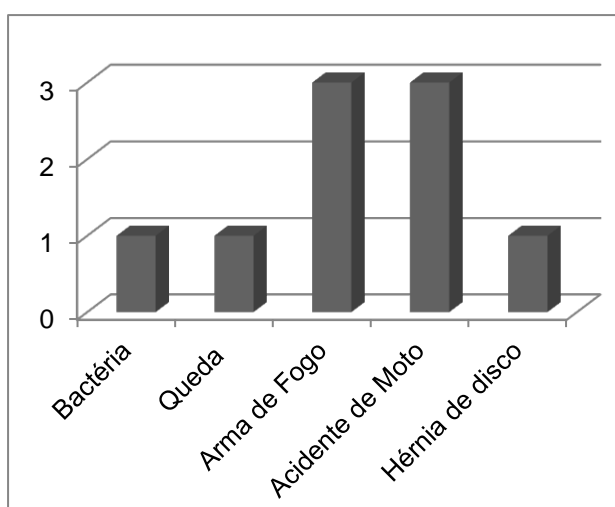
A população estudada tem entre 32 e 54 anos, sendo um indivíduo do sexo feminino e oito do sexo masculino. A tabela e os gráficos a seguir caracterizam os participantes do estudo.

Tabela 1 – Idade, sexo e tempo de lesão dos participantes da pesquisa

Sujeitos	Idade (anos)	Sexo	Tempo de Lesão (anos)
S1	47	Feminino	20
S2	43	Masculino	20
S3	51	Masculino	28
S4	32	Masculino	6
S5	34	Masculino	3
S6	36	Masculino	1
S7	54	Masculino	2
S8	47	Masculino	1
S9	33	Masculino	9

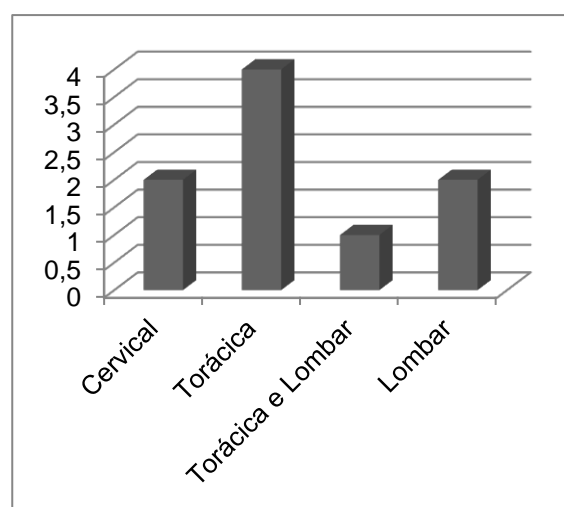
Fonte: Elaborada pelos autores.

Gráfico 1 – Etiologia da lesão medular



Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 2 – Nível da lesão medular



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como é possível observar, as causas da lesão medular da população estudada foi acidente de moto (S4, S5 e S8), disparo de arma de fogo (S3, S6 e S9), queda (S2), bactéria (S1) e hérnia de disco (S7). Predominantemente, a lesão foi no nível torácico (S2, S4, S5 e S6), seguido pelos níveis lombar (S8 e S9) e cervical (S1 e S7); um dos participantes (S3) possui lesão que atinge o nível torácico e lombar simultaneamente. Do total de participantes, quatro possuem Lesão Completa (S2, S3, S4 e S8) e cinco possuem Lesão Incompleta (S1, S5, S6, S7 e S9).

Em relação à atividade laboral, seis estão aposentados (S1, S2, S3, S4, S7 e S8), dois estão afastados do trabalho (S5 e S6) e um trabalha como vendedor (S9). Em relação ao estado civil, oito estão solteiros e um é casado (S8).

Vivência da sexualidade antes e após a lesão medular adquirida

Todos os participantes disseram que tiveram uma vida sexual normal e ativa antes da lesão medular. Quando questionados em relação à vivência da sexualidade após a lesão, sete relatam que no começo foi difícil e que foi necessária uma readaptação.

Depois da lesão, eu pensava que eu era metade mulher; quando eu passei pela AACD eles me orientaram nesta questão e me disseram: “Não é porque você não tem sensibilidade no órgão genital que você é metade mulher”, então foi ficando bom. Hoje pra mim é normal, desde que o parceiro compreenda, ele tem que ser muito carinhoso e estimular muito, porque está na mente da pessoa, se não fizer isso não vira, tem que ter carinho e confiança, mas isso pra mulher é normal, você pode até andar e ser o que é considerado normal, se não for estimulada não adianta, nisso não tem muita diferença. Então eu tenho a cadeira de roda e a lesão em si não leva a muita diferença não, pode ter uma vida normal desde que o parceiro saiba entender este lado. (S1, 47 anos).

Através do discurso de S1, é possível observar aspectos narcísicos da personalidade, pois quando a capacidade da pessoa é bruscamente diminuída por um dano físico, ela pode ser levada a uma reativação de sentimentos infantis de desamparo (FRISHENSCHLAGER; PUNCHER, 2002 *apud*, EIZIRIK *et al.*, 2008). Quando ela diz “eu era metade mulher”, produz um discurso de desamparo e incompletude. O ego ideal é representante das ambições pessoais, e o ideal de ego é representante das aspirações sociais, na necessidade de o sujeito ser aquilo que a sociedade espera dele (ZIMERMAN, 1999). Quando a participante diz que se enxergava pela metade, é que quando ela se viu sem os movimentos e em uma cadeira de rodas, deparou-se longe do ideal de ego e do ego ideal, formando então uma ferida narcísica. Ferida narcísica é a distância entre o eu ideal e o eu real. (ZIMERMAN, 1999).

Esta fala de S1 ilustra o que foi possível observar em todos os participantes, uma vez que todos relataram um período de desvalia de si e de aspectos envolvidos na questão da ferida narcísica. Hoje S1 se reconhece como uma mulher inteira e diz viver uma vida normal; isso é possível porque é possível reabilitar a mente, mesmo quando o corpo já não pode mais ser reabilitado, por meio do resgate da autoestima, da imagem corporal e da autopercepção (DIAS, 1997; EIZIRIK *et al.*, 2008; MAIA, 2009).

Uma questão comum aos homens e que mostrou ser fonte de incômodo foi a falta da ejaculação: “Eu tenho vivência da sexualidade, mas muda muita coisa, modifica as posições, e tem a ejaculação, que eu não tenho mais desde o acidente” (S4, 32 anos). O relato de S4 é importante porque ilustra esta questão. Puhlmann (2000) destaca que os homens atribuem um valor alto ao desempenho de seu órgão sexual e que quando não ejaculam experienciam um sentimento de impotência. A carga cultural influencia muito nesta percepção, uma vez que em nossa sociedade ser homem está associado a ser viril, sendo a masculinidade relacionada diretamente à virilidade e ao desempenho (SILVA; ALBERTINI, 2007; MAIA 2009).

“Ainda estou aprendendo, mas hoje eu vejo como uma descoberta, é diferente.” (S5, 34 anos). O relato de S5 indica o caminho percorrido por ele, assim como pelos outros, para a reelaboração da sexualidade, após sofrer uma lesão medular: é necessário reaprender, se redescobrir, se reinventar. (CARNEIRO *et al.*, 2012; BARBOSA, 2003).

“Minha vivência sexual está bem parada, está complicado porque não tenho mais movimentos, né? Depois que isso caiu, acabou tudo.” (S7, 54 anos). Esse relato pertence ao único participante que ainda não retomou a vivência sexual. O discurso mostra que há um sentimento de desvalia de si, seria o mesmo que dizer que, já que não anda e está sem movimentos, acabou tudo, não é capaz de fazer outras coisas, vendo a si mesmo como alguém incapaz. Esse sujeito não recuperou ainda sua autoestima, apresentando uma autoimagem negativa, não reinventando maneiras de vivenciar a sexualidade; isso se deve também à visão estereotipada da sociedade e à falta de informação sobre a sexualidade na lesão medular. Esses fatores serão abordados mais profundamente nos próximos tópicos. O caso de S7 envolve ainda a idade do lesionado, o tempo decorrido desde a lesão, o tempo de elaboração do trauma, a vivência da perda e a resignificação de seus valores.

Medo da sexualidade

Os participantes foram questionados sobre os medos que sentiram ou sentem ao iniciar alguma prática sexual após a lesão; seis entrevistados relataram que sentiram medo, e três

disseram que depois que decidiram iniciar as práticas sexuais não sentiram nenhum medo e nenhum receio.

Os medos mais citados eram advindos da falta de informação, o não saber sobre as possibilidades e desconhecer as capacidades do corpo. Os seis participantes relataram que apesar de terem sentido medo no início, hoje já não sentem e vivenciam a sexualidade “numa boa”; isso acontece porque há um período de readaptação e de redescoberta, de descobrir o novo corpo e aceitá-lo. Dias (1997) destaca que a autoaceitação é a consciência que o indivíduo tem de si próprio, quando ele reconhece suas possibilidades e limitações, se aceita como alguém capaz e assim vê que pode vivenciar a sexualidade, cada um a sua maneira, descobrindo o que estimula mais, quais as áreas do corpo proporcionam maior prazer, quais as posições possíveis, enfim, vivenciando a sexualidade plena.

“É, a princípio eu não imaginava como seria, apesar de sempre ter evitado ter um filho, por achar que não era o momento certo pra isso; a princípio, a minha preocupação maior era em relação a isso, a questão de ser pai.” (S4, 32 anos). Nesse discurso, é possível observar a preocupação relativa à possibilidade de ser pai. Ribeiro (2006) destaca que ter um filho é um investimento narcísico, pois os pais imaginam que o filho poderá ser melhor do que eles foram. Além disso, o filho representa uma continuidade narcísica para os pais, uma espécie de imortalidade, pois é um pedaço de si, de sua carga genética, que ficará depois da morte e que seguirá através das gerações, servindo como um alívio ao Ego diante da certeza de sua finitude. Freud (1914) aponta que todos possuem um instinto de autopreservação, de imortalidade, e o narcisismo está diretamente ligado a esse instinto. Sendo assim, os pais fazem investimentos narcísicos em seus filhos, garantindo com isso a sua imortalidade. Ribeiro (2006) destaca ainda que quando a possibilidade de filhos é negada, instaura-se uma ferida narcísica relacionada a esse desejo narcísico de imortalidade, pois não tendo filhos, o indivíduo não terá uma continuação de si, ficando o ego sem refúgio diante da certeza de sua finitude.

Diante desta questão, a preocupação de S4 está diretamente ligada aos aspectos narcísicos da personalidade, sendo fonte de receio. Ele afirma que ainda não obteve informações sobre suas possibilidades de gerar filhos, sendo isso ainda uma fonte de preocupação e receio, mesmo após anos de lesão.

“Depois que eu decidi partir pra esse lado da sexualidade, eu não tive medo, não; eu tenho dúvidas ainda, mas medo, não.” (S5, 34 anos). “No meu primeiro banho, a primeira coisa que eu fui ver é se o bichinho estava vivo, então ali eu já comecei a buscar a minha sexualidade, fui atrás de informações.” (S3, 51 anos). Esses relatos pertencem a dois

participantes que disseram que não sentiram medo de iniciar a prática sexual. Ambos os participantes decidiram partir em busca da sexualidade, aceitaram a nova realidade imposta e decidiram conhecer o desconhecido, buscando informações que seriam ferramentas para a redescoberta da sexualidade.

Outro participante que disse não sentir medo da vivência sexual foi S7, porém, ele ainda não vivenciou sua sexualidade, conforme suas palavras: “Não tenho medo, acho que com o tempo, se eu melhorar, volta”. Teixeira (2006) aponta que esse discurso de “quando eu ficar bom, quando eu melhorar” denuncia a esperança e o desejo de que a doença seja algo passageiro. Este fato está ligado ao Princípio do Prazer e ao Princípio da Realidade; o primeiro diz respeito ao fato de que a mente tende a atuar de forma que possibilite o prazer e impeça o desprazer; o segundo diz respeito à capacidade do ego de diferenciar os estímulos internos (desejos e impulsos do Id) dos estímulos e percepções externas (BRENNER, 1975), ou seja, quando o indivíduo deixa de se readaptar à nova condição e se prende em desejos e impulsos oriundos do Id, no caso em questão o desejo de retornar à condição estabelecida antes de adquirir a lesão, ele passa a ser orientado pelo princípio do prazer, não se atentando à realidade. Quando o indivíduo reconhece seu mundo interno, seus desejos, e os diferencia de sua realidade externa, passa a se orientar pelo princípio da realidade. Quando a pessoa é regida pelo princípio da realidade, ela é capaz de encontrar no ambiente as maneiras de gratificação dos desejos do Id, ou seja, ela pode não voltar à condição anterior ao acidente, mas pode buscar e aprender outras formas de viver e ter prazer na vida.

Segundo Teixeira (2006), é apenas se orientando pelo princípio da realidade que o indivíduo é capaz de se integrar novamente ao mundo externo.

Do pensamento à prática sexual após lesão

Tabela 2 – Tempo para começar a pensar na sexualidade após a lesão medular

Sujeito	Tempo Pós-lesão
S1	5 anos
S2	10 anos
S3	Imediatamente
S4	1 ano
S5	1 ano
S6	1 ano
S7	Não pensa
S8	Imediatamente
S9	Imediatamente

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na tabela acima, é possível observar o tempo que cada entrevistado levou para começar a pensar na questão da sexualidade após a lesão. Não há um tempo padrão, pois cada indivíduo reage de uma maneira diferente, porém, sabe-se que há um período de luto sexual, uma vez que a pessoa acometida por um trauma necessita de um tempo para se restabelecer e se adaptar a essa nova situação (EIZIRIK *et al.*, 2008; MAIA, 2009). O tempo necessário para essa adaptação depende da história de vida e da plasticidade psíquica de cada indivíduo, mas é importante que haja essa adaptação na questão da sexualidade, uma vez que a mesma está diretamente ligada à maneira como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o mundo (DIAS, 1997; MAIA 2001; SILVA; ALBERTINI, 2007; GESSER; TONELI; NUERBERG, 2008; CAVALCANTE *et al.*, 2008).

Tabela 3 – Práticas sexuais atuais

	Penetração	Sexo Oral	Masturbação	Beijo	Nenhum
Nº de sujeitos	8 de 9	8 de 9	1 de 9	8 de 9	1 de 9
Total de sujeitos entrevistados: 9					

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em relação às práticas sexuais que utilizam hoje (Tabela 3), oito dos nove entrevistados (S1, S2, S3, S4, S5, S6, S8 e S9) disseram que utilizam penetração, sexo oral, carícias, beijos, abraços e carinho. Um dos entrevistados relatou que também utiliza masturbação (S9). Para a prática sexual, os entrevistados relataram que é necessário reaprender posições que ajudam na relação e no prazer, e também que é importante o(a) parceiro(a) ser compreensivo(a) e confiável. Alguns utilizam também medicamentos que facilitam a ereção. S7 é o único entrevistado que não retomou a vivência da sexualidade e afirma não pensar a respeito.

Relação com o corpo

“Tem hora que não me sinto bem com o meu corpo, que dá aquelas recaídas e que eu fico um pouco pra baixo, lembro de antes do acidente e me vejo nessa situação, e aí fica um pouco complicado”. (S4, 32 anos). “Hoje eu confesso que estou bem, mas não é fácil, não, o que eu era antes e o que sou hoje.” (S2, 43 anos). Esses relatos demonstram o sentimento de

alguns entrevistados em relação ao corpo. Todos os entrevistados relataram que no começo é muito difícil a visão de seu próprio corpo; alguns se adaptaram, e outros ainda estão em fase de adaptação. A comparação com o que era antes do acidente, a dor e as limitações estão sempre presentes quando se fala da visão de si.

Teixeira (2006) aponta que a palavra “corpo” é associada ao padrão de beleza vigente da sociedade, e quando se fala de corpo do deficiente, esse corpo é negado, uma vez que está longe dos padrões por ela estabelecidos; esse corpo não é parecido com o das estrelas de cinema, modelos de passarela, não está nas campanhas publicitárias de revistas e comerciais de TV.

É sabido que a relação com o corpo afeta as relações sociais, e com isso o prazer e a sexualidade dos indivíduos. Porém, com o restabelecimento da autoestima e com o conhecimento das possibilidades e limitações decorrentes da nova condição, é possível uma reelaboração da autoimagem e dos papéis que cada um representa na sociedade, como indivíduos que possam desejar e ser desejados. (MAIA, 2012; EIZIRIK *et al.*, 2008; SILVA; ALBERTINI, 2007).

Percepção da sociedade em relação à sexualidade do lesado medular

Perguntados sobre como acham que a sociedade enxerga a sexualidade do lesado medular, oito entrevistados (apenas S9 divergiu) disseram que a sociedade pensa que são seres assexuados, que ficam ali parados, incapacitados e totalmente dependentes, que é um assunto que não é falado, sendo considerado ainda um tabu, e que falta informação.

Essa imagem distorcida da sociedade atrapalha a retomada da vivência da sexualidade, uma vez que rotula os lesados como incapacitados, negando a eles a possibilidade de retomarem este aspecto da vida. Assim, além de lidar com as próprias limitações e dificuldades, a pessoa ainda tem que lidar com as limitações de uma sociedade desinformada que os limita. Barbosa (2003) aponta que a lesão medular limita o corpo, porém é a sociedade que impõe ao indivíduo a condição de ser assexuado. A sociedade tem um preconceito em relação à sexualidade do deficiente físico; isso advém da falta de informação e conhecimento acerca do assunto (FIGUEIRA, 1996 *apud* BARBOSA, 2003).

Orientação sobre a sexualidade

Em relação à orientação de profissionais sobre a retomada da sexualidade, quatro entrevistados (S6, S7, S8 e S9) disseram que não receberam nenhum tipo de orientação, entre

eles, S7, que ainda não vivencia a sexualidade. Cinco entrevistados disseram que receberam informações, mas que elas não foram suficientes, pois a sexualidade era tratada de uma maneira geral e superficial. S2 relata que recebeu informação somente 14 anos após a lesão, quando mudou de médico urologista, que o instruiu a retomar a vida sexual, fornecendo algumas informações em relação ao sexo e ao desempenho. Três entrevistados (S3, S4 e S5) relataram que procuraram informações na internet, descobrindo sites que tratam do assunto. Em relação às especialidades dos profissionais que deram informações acerca da sexualidade, eram todos fisioterapeutas e urologistas.

É importante salientar que a falta de informação prejudica na retomada da vivência da sexualidade (BARBOSA, 2003). A sexualidade muitas vezes é negligenciada e tida como secundária, mas é importante para a qualidade de vida dessas pessoas.

Os entrevistados comentaram sobre a falta de informação sobre a sexualidade em relação aos próprios lesionados e à sociedade em geral, e também sobre a carência de profissionais que trabalhem com o aspecto da sexualidade na reabilitação: “Eu quero que vocês passem que as pessoas com lesão podem fazer sexo, que é normal, a sexualidade é boa, é vida.” (S1, 47 anos). “Acho que faltam profissionais para orientar a gente sobre sexualidade, em como que faz depois que estamos nessa situação.” (S7, 54 anos).

A falta de orientação, aliada à vergonha de perguntar, pode dificultar a vivência sexual, e, além disso, como aponta Barbosa (2003), a pessoa não orientada pode ter experiências sexuais frustradas, por ter como modelo o desempenho que tinha antes da lesão, o que pode atrapalhar a reelaboração da sexualidade.

Por meio das entrevistas realizadas, foi possível observar os aspectos que envolvem a sexualidade na lesão medular adquirida; esses aspectos são relacionados à perda do corpo saudável, à readaptação à nova realidade, à visão de si mesmo, à maneira como os lesionados são vistos pela sociedade, à quantidade de informação disponível no ambiente, ao conhecimento de possibilidades e limitações e à recuperação da autoestima.

Assim que o indivíduo sabe que adquiriu uma lesão, ele primeiramente entra no estágio de negação: ele não quer acreditar, ele acredita que vai se recuperar. Depois, ele entende o diagnóstico e reconhece as limitações impostas pela deficiência; por último, o sujeito vai se restabelecendo e reaprendendo a viver. (LOUREIRO, CHAVES, FARO, 1997 *apud* MAIA, 2009).

Freud (1914) aponta que:

[...] uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem

respeito a seu sofrimento. Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos [...]. Devemos então dizer: o homem enfermo retira suas catexias libidinais de volta para seu próprio ego, e as põe pra fora quando se recupera. (p. 89).

Assim, o indivíduo primeiramente centraliza esforços na questão da reabilitação física, e depois vão acontecendo a reabilitação psicológica e a adaptação à nova realidade. Toda a energia libidinal do indivíduo é deslocada para a sua recuperação física, ficando a sexualidade reprimida por um tempo. Foi possível observar que a sexualidade é deixada em segundo plano tanto pelos profissionais da saúde quanto pelos indivíduos lesionados.

A lesão medular influencia na perda dos movimentos e da sensibilidade dos membros, além de influenciar no controle da bexiga e do esfíncter; a pessoa é forçada a alterar toda a sua rotina, o corpo muda, a relação com o corpo muda, a imagem de si é alterada, tudo negativamente, e com isso o impacto na sexualidade é negativo.

O padrão de beleza da sociedade, a relação entre a capacidade de produzir e o valor atribuído ao ser humano e a falta de informação acerca da sexualidade do deficiente influenciam negativamente na retomada da sexualidade.

A falta de orientação acerca da sexualidade impacta negativamente em sua retomada, uma vez que há o medo do desconhecido, o medo do desempenho, o medo de machucar o próprio corpo, de não saber o que fazer: “O medo é o que mais atrapalha, o medo de machucar minha coluna, de não conseguir, essas coisas, mas agora já está normalizando.” (S8, 47 anos). Esses receios poderiam ser desfeitos com orientação profissional.

Acho que faltam profissionais para orientar a gente sobre a sexualidade, em como faz quando estamos nessa situação, porque é muito importante para a gente, para nossa recuperação psicológica, e eu gostei muito de falar sobre sexo com vocês, porque ninguém perguntou como a gente está nessa parte. O povo acha que a pessoa na cadeira de roda é uma pessoa imprestável, e não é assim, é um ser humano que está lá. (S7, 54 anos).

Considerações finais

É possível afirmar, por meio da análise do discurso dos participantes, que é importante o lesionado se redescobrir e conhecer suas possibilidades, buscar informações e se permitir vivenciar a sexualidade; é possível concluir que para reelaborar a sexualidade, deve-se reinventar o papel social, restabelecer uma boa autoestima, ter uma consciência de si e do próprio corpo, entender as limitações biológicas e também as limitações fisiológicas. O lesionado deve também criar técnicas e usar da criatividade para manifestar uma sexualidade saudável, gratificante e prazerosa. Para isso, é necessário que haja acesso a informação e

orientação, é importante não esquecer a reabilitação biopsicossocial desses pacientes. A sexualidade é importante; Muraro (1983 *apud* DIAS, 1997) destaca que é o no sexo que se localiza o elemento mais importante da nossa interioridade, é onde interagem libido, pulsões, desejos, funções, prazeres e frustrações.

Nesse sentido, as pessoas que adquiriram uma deficiência física devem ser orientadas e estimuladas a desenvolverem a sexualidade de forma gratificante, pois assim estabelecem relações de afeto e de convívio interpessoal. Assim, é importante haver uma equipe multidisciplinar que trabalhe ativamente na reabilitação global do indivíduo, com profissionais capacitados, que orientem sobre a vivência da sexualidade pelo público com lesão medular adquirida, incluindo possíveis posições, técnicas para a redescoberta do prazer, medicamentos, questões relacionadas à fertilidade, esclarecimentos de dúvidas e trocas de informações. Também é importante que a informação sobre as possibilidades das pessoas com deficiência seja divulgada para a sociedade, a fim de amenizar os estereótipos e preconceitos vigentes, uma vez que isso exerce influência sobre esses indivíduos.

Referências

BAASCH, A. K. M. *Sexualidade na Lesão Medular*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1648>. Acesso em: 8 mar. 2014.

BARBOSA, V. R. C. *A Vivência da Sexualidade em Homens com Lesão Medular Adquirida*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-03062009-142233/pt-br.php>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de Atenção à Pessoa com Lesão Medular*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_lesao_medular.pdf>. Acesso em: 1º mar. 2014.

BRENNER, C. *Noções Básicas de Psicanálise: Introdução à psicologia psicanalítica*. 3. ed. São Paulo: Imago, 1975.

CARNEIRO, V. M. B. et al. Sexualidade em mulheres com lesão na medula espinhal. *Rev. Pesq. Saúde*, v. 13, n. 1, p. 30-33, jan/abr., 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/>>. Acesso em: 6 jul. 2013.

CAVALCANTE, K. M. H. et al. Vivência da Sexualidade por pessoas com lesão medular. *Rev. RENE*. Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 27-35, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/em515/pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

DIAS, C. S. Influências dos fatores físicos e psicológicos na sexualidade do lesado medular. *Revista Bras. Sex. Hum.* São Paulo, v. 8, n. 1, p. 119-132, ago. 1997. Disponível em: <<http://www.sbrash.org.br/portal/images/stories/pdf/rsbh-v8n1.pdf#page=1>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

EIZIRIK, L. C. et al. *Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRANÇA, I. S. X; CHAVES, A. F. Sexualidade e Paraplegia: o dito, o explícito e o oculto. *Acta paul. enferm.* São Paulo, v. 18, n. 3, p. 253-259, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002005000300005>. Acesso em: 10 set. 2013.

FREUD, S. Três Ensaios Sobre a Sexualidade (1905). In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2009. v. 7.

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2009. v. 18.

_____. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). In: _____. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2009. v. 14.

GESSER, M.; TONELI, M. J. F.; NUERBERG, A. H. Gênero, Corpo e Sexualidade na Produção do Conhecimento Relacionada à Deficiência Física. *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, ago. 2008. Disponível em: <://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST33/Gesser-Toneli-Nuerberg_33.pdf>. Acesso em: 7 maio 2013.

MAIA, A. C. B. A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física. *Psicologia.com.pt - O Portal dos Psicólogos*, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>>. Acesso em: 1º mar. 2014.

_____. A Sexualidade Depois da Lesão Medular: Uma Análise Qualitativa-Descritiva de Uma Narrativa Biográfica. *Interação Psicol.*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 227-237, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/21212/20279>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Rev. Bras. Educ. Espec.* Marília, v. 16, n. 2, p.159-156, mai./ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000200002>. Acesso em: 3 abr. 2014.

PUHLMANN, R. *A revolução sexual sobre rodas: conquistando o afeto e a autonomia*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.

RIBEIRO, M. Articulações Entre o Narcisismo e Reprodução Assistida. In: MELAMED, R. M. M.; QUAYLE, J. (Org.). *Psicologia em Reprodução Assistida: Experiências Brasileiras*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 91-104.

SARAH – Rede de Hospitais de Reabilitação (Brasil). *As Internações Por Causas Externas*. 2013. Disponível em: <www.sarah.br>. Acesso em: 8 mar. 2014.

SILVA, L. C. A.; ALBERTINI, P. A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida. *Rev. Dep. Psicol. UFF*. Niterói, v. 19, n. 1, p. 37-48, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010480232007000100003&langt> Acesso em: 5 ago. 2013.

TEIXEIRA, A. M. *Vida Revirada: O Acontecer Humano Diante da Deficiência Adquirida na Fase Adulta*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=79>. Acesso em: 10 jul. 2014.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.